

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**



**Dissertação de Mestrado em Antropologia**

**Corpo-Terra-Território: Mulheres-Água  
Do Quilombo Coxilha Negra**

Carina Santana Ferreira

Pelotas, 2024

Carina Ferreira Santana

**Corpo-Terra-Território: Mulheres-Água  
Do Quilombo Coxilha Negra**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientadora: Loredana Marise Ricardo Ribeiro

Coorientador: Cláudio Baptista Carle

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

F383c Ferreira, Carina Santana

Corpo-terra-território [recurso eletrônico] : mulheres-água do quilombo coxilha negra / Carina Santana Ferreira ; Loredana Marise Ricardo Ribeiro, orientadora ; Cláudio Baptista Carle, coorientador. — Pelotas, 2024.

82 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Mulheres. 2. Água. 3. Quilombo. 4. Corpo-terra-território. I. Ribeiro, Loredana Marise Ricardo, orient. II. Carle, Cláudio Baptista, coorient. III. Título.

CDD 304.40952

Elaborada por Fabiano Domingues Malheiro CRB: 10/1955



Carina Ferreira Santana

## **Corpo-Terra-Território: Mulheres-Água Do Quilombo Coxilha Negra**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 14/11/2024

Banca examinadora:

Dr<sup>a</sup> Loredana Marise Ricardo Ribeiro (Orientadora)

Dr<sup>a</sup> Marielda Medeiros (examinadora externa)

Dr<sup>a</sup> Raiana Mendes Ferrugem (UFOPA)

Dr. Rafael Noleto (examinador interno)

Ìyálasé Yashodhan Abya Yala - Comunidade Kilombola Morada da Paz - CoMPaz Território de Mãe Preta

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha ancestralidade e aos meus pais por terem aceitado me receber no território sagrado Quilombo Coxilha Negra.

Aos meus filhos que são a razão do meu viver e da luta que travo a cada dia por um mundo melhor e mais justo.

Aos meus familiares que são os melhores do mundo sem exceção, que acreditam e embarcam nos meus sonhos sendo minha rede de cuidado e amor permanente.

Às interlocutoras dessa pesquisa, por acreditarem na pesquisa, por disponibilizarem tempo e compartilharem suas trajetórias para construção da ciência através de nós.

Aos meus amigos, presentes do universo que suportaram minha ausência durante o trilhar dessa estrada, sempre emanando energias positivas e torcendo pelo meu sucesso.

Aos movimentos sociais, quilombola, negro e de esquerda que me ofereceram base política até aqui.

À Teia dos Povos, articulação que me ensina a lutar e prosseguir na luta por terra e território diariamente.

À minha orientadora, Loredana, e o meu coorientador, Claudio, por acreditarem em minha pesquisa desde o início, apostar em mim e nunca largar minha mão.

## Resumo

A pesquisa *Corpo-Terra-Território: Mulheres Água do Quilombo Coxilha Negra* investiga, por meio de observações e reflexões antropológicas, a relação das mulheres com a água e o território onde vivem - o Quilombo Coxilha Negra, localizado no sexto distrito de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Realizada por uma mulher negra, quilombola deste território, a pesquisa vincula escrevivência e autoetnografia para discutir a guardianship das águas (e do território) pelas mulheres quilombola a partir do conceito político-teórico de corpo-terra-território.

Palavras Chave: Mulheres, Água, Quilombo, Corpo-Terra-Território.

## Sumário

Agradecimentos .....	5
Resumo .....	6
Sumário .....	7
Introdução .....	8
I. “Ancestralidade é eu de antes” .....	11
<i>I.I - Mudando expectativas, realizando sonhos</i> .....	14
<i>I.II - COVID 19e o Kilombo Literário</i> .....	18
<i>I.III - Pacto: Pesquisa Política Pública</i> .....	20
II. As águas que me trazem até aqui .....	32
<i>II.I - O quilombo, as águas e os corpos-água</i> .....	38
<i>II.II - Águas que curam</i> .....	45
<i>II.III - O Sagrado</i> .....	48
<i>II.IV - Cuidado com as águas, herança ancestral</i> .....	50
III - Confluências e divergências: duas mulheres-água do Quilombo Coxilha Negra .....	54
<i>III.I - Hortência, a ‘brasileira’ quilombola</i> .....	56
<i>III.II - Idas, vindas e amores coloridos</i> .....	61
IV – Considerações Finais .....	76
Referências Bibliográficas.....	78

## Introdução

Sou Quilombola da comunidade Coxilha Negra, de São Lourenço do Sul, RS. Sou graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com Ênfase em Ciências e Agrárias, pela Universidade Federal do Rio Grande a FURG, curso criado e pensado pelo MST (Movimento Sem Terra) para preparar professores para que consigam dialogar e trocar conhecimento com habitantes de comunidades rurais. Esse curso chegou em minha comunidade como uma luz que iluminaria a todos. Nós, que nos sentíamos tão excluídos no processo de ensino aprendido, que durante toda a vida nos causou trauma e sofrimento, agora poderíamos nos preparar para dar um ensino fundamental inclusivo para nossos filhos e parentes.

Hoje, em minha comunidade, somos seis mulheres formadas pela FURG em Educação do Campo e quatro pessoas com o curso em andamento. A comunidade Quilombola Coxilha Negra está localizada no interior da cidade de São Lourenço do Sul, em uma região de colonização alemã pomerana. Como na maioria dos locais colonizados por esses povos, sua língua e costumes herdados de sua terra natal são mantidos, enquanto que os costumes e modos de viver trazidos por povos sequestrados no continente Africano foram negados e proibidos. Isso dificulta a exposição dos conhecimentos do nosso povo, que só pode passar os saberes herdados de África através da oralidade, sem valor algum na região, a qual exalta somente os saberes alemães e pomeranos e deprecia os conhecimentos africanos quilombolas.

A negação e proibição de conhecimentos de origem africana é epistemicídio. Sueli Carneiro, em sua tese de doutoramento (2005), denomina epistemicídio os processos de apagamento de povos e grupos afrodescendentes como sujeitos de conhecimento, a partir da negação, ocultamento ou desvalorização de sua visão de mundo e dos saberes que as sustentam tanto a partir do continente africano quanto em sua diáspora (Werneck, 2010, p. 10). O epistemicídio causa traumas aos estudantes negros e Quilombolas.

Nós precisamos sobreviver à miséria, vivendo às margens, sem terra e água para cultivar alimento suficiente para sobrevivência. Precisamos trabalhar muito cedo em lavouras dos imigrantes alemães e pomeranos, para ajudar no sustento da casa, dividir o tempo com atividades domésticas e plantar culturas que, ainda em terra pouca, são importantes para manter viva nossa história. Além disso, ainda precisamos resistir ao racismo sofrido na escola, local onde o conhecimento é disseminado e repassado por



peças não negras que, em nenhum momento, se importam ou sequer cogitam pesquisar sobre a história dos Quilombolas. São ainda pouco numerosos os estudos sobre comunidades Quilombolas, em particular no extremo sul, mais ainda com ênfase na relação das mulheres com a água.

Muitas vezes, acabamos indo estudar na cidade vizinha, trocando moradia e alimento pela oportunidade de estudar; mas esses locais nos apresentam mais violência, escancarando o racismo. Essas pessoas, quase que em sua totalidade mulheres, acabam voltando para casa na esperança de se encaixar algum dia em algum lugar ou se conformar com a vida que Deus preparou e seguir viva até quando possível.

No texto “Gênero e etnia: um escre(vivência) de dupla face”, Conceição Evaristo nos diz que as “mulheres negras [são] invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários” (EVARISTO, 2005, p. 206). Sendo assim, não importa para qual lugar nos mudemos ou procuremos encontrar nossa história; nossos valores sempre encontram a história dos escravos, ou contos folclóricos que os colocam em lugares humilhantes de pessoas feias e sem conhecimento.

Além de o curso de Licenciatura em Educação do Campo ser inclusivo e fazer com que possamos contar nossa verdadeira história, partindo de nós mesmas, trocando conhecimento empírico e científico, podemos aplicar ciência em nosso território e vice-versa. Assim, podemos levar nosso conhecimento adquirido durante nossa existência para dentro da universidade, percebido como saber e não como aberração, como visto em tempos idos como, por exemplo, durante nosso ensino fundamental.

Foi no curso de Educação do Campo, durante as aulas de ciências com o tema água, que percebi que a relação das mulheres de minha família, avós, tias e principalmente mãe, com a água é totalmente diferente do uso de outras pessoas não quilombolas; percebi também o quão valioso é esse bem natural, e que a água pelas mulheres negras é percebida como parte, e não à parte. O tema me fascinou, se tornando meu objeto de pesquisa. Diante disso, o presente estudo se dedica a estudar a relação das mulheres Quilombolas com a água em seus territórios, considerando-a movimento fundamental para pensarmos como, diante de tantas adversidades, essas mulheres preservam a tão necessária e insubstituível água. Nesta dissertação, decidi transcrever as falas das interlocutoras conforme foram ouvidas, com todos os “esses e erres” da linguagem quilombola, o que talvez talvez cause estranheza no ambiente acadêmico; mas isso também fará com que fique registrada nossa existência nessa estrutura que abre as portas

para nós, e que porém não se adapta ao nosso jeito de ser, muitas vezes julgando nossa linguagem como errada. Quis trazer a resistência das mulheres quilombolas através da linguagem para mostrar que, assim como nós nos esforçamos para entender autores e professores que carregam a linguagem acadêmica, por vezes saindo da aula sem entender cinquenta por cento do que foi dito, estamos aqui para que eles percebam que estamos aqui, que vamos permanecer e resistir, e que nossa linguagem é sim uma forma de resistência onde quer que estejamos.

A dissertação foi escrita em três capítulos. No primeiro deles, intitulado “Ancestralidade é eu de antes”, apresento a mim e meus parentes mais próximos, ou seja, minha ancestralidade. Conto a história de como cheguei até aqui e como a Educação chegou e transformou a vida das mulheres do meu território. Em seguida, apresento as práticas e costumes locais, relações com as organizações governamentais e não governamentais, pesquisas realizadas através das mulheres do próprio território e minha inserção no curso de antropologia. Finalizando, neste capítulo desenvolvo também minha metodologia, vinculando escrevivência e autoetnografia.

No segundo capítulo, denominado “As águas que me trazem até aqui”, apresento as águas que margeiam minha comunidade, o Quilombo Coxilha Negra, três das interlocutoras da pesquisa e as relações dessas mulheres com a água. Nesse capítulo, manifesta-se a etnografia por meio da interação com elas, da reflexão e discussão com antropólogas/os e do desenvolvimento do conceito político de corpo-terra-território.

No terceiro capítulo, busco discutir algumas questões que se destacaram nas primeiras interlocuções de campo: o trânsito das mulheres no Quilombo Coxilha Negra, tentando compreender possíveis mudanças no território e transformações no comportamento dessas pessoas; além da diversidade racial das/os quilombolas desse lugar, refletindo sobre como tal fato interfere na afirmação de “ser Quilombola” na vida dessas pessoas.

Finalmente, na conclusão, proponho sistematizar essas questões na compreensão do modo de guardar as águas das mulheres no Quilombo Coxilha Negra.

## I. **“Ancestralidade é eu de antes”**

A presença negra é um fato já conhecido da história do Brasil. Desde a chegada nas terras brasileiras, foram inúmeras as formas de violência que afligiram as mulheres. Contra as mulheres traficadas do continente Africano, era efetivamente maior a agressividade dos homens, o que iguala aos atos de resistência a essa violência. Por meio desses corpos femininos negros, experienciamos o saber-viver em consonância com o ambiente ofertado. Estes corpos territórios, mulheres quilombolas em luta, são também mantenedoras da fluidez da água do Planeta Terra.

Sendo eu uma mulher quilombola e sabendo que permanecer em território quilombola preservando os costumes e tradições é sim um ato de resistência, percebo que quem mantém esse lugar-tempo são as mulheres. Denomino lugar-tempo o lugar de resistência diário, cada dia mais achatado pela falta de políticas públicas e pelas modernas formas de sufocamento - assassinatos em massa disfarçados de progresso e modernidade.

Me chamo Carina Santana Ferreira, filha de Jorge Luiz Ferreira e Izaura Santana Ferreira. Nascida e criada em dois mundos diferentes, mas iguais. Minhas avós paternas moravam no município de São Lourenço do Sul, na zona urbana, foram pessoas escravizadas. Construíram família em um lugar comprado com a venda de uma vaca que ganharam de casamento dos “padrinhos”. Padrinhos eram as pessoas que escravizavam os negros depois da lei do ventre livre. Pegavam os indivíduos para criar, apadrinhavam, davam o sobrenome, mas tratavam como escravos, ou seja, trabalhadores não remunerados.

Minha avó paterna se chamava Natalina da Conceição Ferreira, morava na localidade de Bonito na cidade de Camaquã, onde, apesar da escassez de alimento, vivia muito feliz com sua família. Tinha muitos irmãos. Ela contava que aos sete anos de idade apareceu uma família de carroça em sua casa e a convidou para ir ao circo. Desde então ela nunca mais voltou para casa. Passou a ser escravizada por essa família, tendo que realizar trabalhos domésticos a partir de então. Minha avó foi uma mulher revolucionária, Aprendeu a ler e escrever embaixo da mesa da cozinha, quando a filha da dona da casa chegava da escola e a repassava a lição aprendida no dia, pois a ela não era permitido



acesso ao conhecimento. Era uma mulher de muita fé e acreditava muito na leitura e nos estudos como ferramenta de libertação. Faleceu aos noventa e nove anos.

Meu avô paterno se chamava Alfredo Ferreira, sobrenome herdado da família que o criou, umas das famílias mais abastadas da cidade, também foi escravizado, era um homem forte, alto e de muita força física, possuía vários ofícios, alambrador (construir cerca de arame), coqueador de sacos de arroz nos engenhos (carregar sacos de arroz com muitos quilos na cabeça), carneador (matar animais e separar cortes para consumo humano), entre outras funções. Sua vida foi difícil, era um homem criado por sua mãe que foi também escravizada por essa família. Faleceu aos oitenta e sete anos, vítima das



doenças da alma e consequências da vida sem qualidade, dos trabalhos insalubres e do vício em álcool.

Casamento de meus avós paternos no Município de São Lourenço do Sul (zona urbana) Foto: Acervo da família

Minha avó materna se chamava Maria Clara Correa Santana. Contam que ela era indígena – “bugra”, no termo racista de amplo uso regional. Não sabem de onde veio nem como veio parar na Coxilha Negra. Teve quinze filhos, mas vingaram somente nove: as crianças morriam já grandinhas, vítimas de doenças que hoje em dia são prevenidas por vacinas, algumas até já não existem mais como coqueluche, sarampo, amarelão e outras. Maria Clara faleceu aos cinquenta e poucos anos, vítima de câncer no estômago.

As comunidades quilombolas da região como a Coxilha Negra remontam há pelo menos 150 anos. Os quilombolas mais velhos afirmam que as primeiras pessoas eram

famílias escravizadas, nesse caso do “Coronel Centeno”. Esses ancestrais dos moradores atuais carregam o sobrenome Centeno outros levam o nome de “Apolinário Santana” que segundo os relatos viera de Rivera no Uruguai com seus irmãos. Fugido da escravização, chegou na chamada Picada Sabão - Canguçu/RS (conforme José Horaci Santana, citado por Rita Surita Buchweitz et.al., 2010, p. 32). Na área, ainda com a presença de indígenas no local, a comunidade se instala, promovendo interação e mistura por meio de relação afro-indígena. A agricultura é a base econômica dos moradores, mas trabalham também como diaristas e empregados como mensalistas nas propriedades maiores da região. Mantém suas manifestações culturais, como os artesanatos, balaios e cestos de cipó, bambu e o também os trançados de couro (Rita Buchweitz et.al., 2010, p. 32).

Meu avô materno se chamava Estelito Santana, ninguém sabe ao certo de onde veio, talvez desse lugar ancestral em Riveira, no Uruguai. Sabe-se que esteve para os lados de Canguçu, cidade vizinha de São Lourenço do Sul, município com inúmeras elevações e áreas mais íngremes e com o maior número de quilombos da região sul. São dezesseis ao todo. As terras que até hoje possuímos eram dos pais de Estelito que ocuparam o lugar em período cuja memória atual não alcança. O espaço foi repassado em cartório para meu avô, por um de seus empregadores e vizinho na época. No período em que as divisões de terra chegaram na Coxilha Negra, nenhum irmão do meu avô quis permanecer por conta da febre amarela, doença que assolou o Coxilha Negra na época. Mas foi ocupada pelos meus ancestrais diretos.



Meus avós maternos, Maria Clara e Estelito Santana Foto: Acervo da família.

Meu avô não acreditava que alguém fosse morrer antes da data prevista por Deus. Viveu no local até morrer, em companhia de minha mãe, filha que permaneceu em casa

até sua morte. Meus avós maternos se conheceram no Quilombo Coxilha Negra, minha mãe e seus irmãos não se lembram da história de como os pais se conheceram, dizem que esses fatos não eram contados aos mais novos.

Meus pais começaram a namorar quando meu tio paterno namorou minha tia, irmã de minha mãe. Meu pai foi com o irmão visitar minha tia e assim se conheceram e contraíram matrimônio. Tiveram três filhos, um menino e duas meninas. Meu entretenimento sempre foi a leitura já que a energia elétrica só chegou em minha residência quando tinha meus quatorze anos de idade. Minha avó Natalina dizia: “minha filha, quando tu passar de ônibus, ou a pé, tu lê tudo que for placa, assim que a vó aprendeu a ler, lendo tudo”. Aprendi a ler cedo e pude desfrutar das maravilhas da leitura também cedo. Às vezes repetia as leituras já que os livros que tinha acesso eram doados pelos parentes que moravam nas grandes cidades. Revistas, jornais e livros que já não importava aos patrões.

As pessoas mais velhas sempre sonharam e nos fizeram acreditar em uma realidade diferente da deles, apesar, do acesso aos estudos, de não ser direito garantido para a comunidade. Acreditavam que só a educação formal transformaria a condição local de maioria vivendo do trabalho informal e mal remunerado. E realmente a situação começou a mudar quando as mulheres começaram a ir para a cidade terminar o ensino básico.

### ***1.1 - Mudando expectativas, realizando sonhos***

A vida muda a partir da educação, é o que sempre diziam. Perto da comunidade existe uma escola desde sempre. A maioria dos estudantes é de descendência pomerana e, portanto, possui um maior poder aquisitivo, o que interfere e muito na qualidade do aprendizado. Como não precisavam trabalhar, podiam estudar com maior tranquilidade. Neste contexto, as mulheres do quilombo começaram a criar estratégias para que seus filhos tivessem acesso ao tão sonhado estudo. A primeira mulher a sair de casa para estudar e que conseguiu com toda dor e sofrimento se formar em uma universidade pública foi uma das primas mais velhas. Ela foi para a cidade de Pelotas trabalhar como babá. Neste período, ela conseguiu se formar e se tornar professora. Hoje dá aula na escola na qual os moradores da comunidade estudam.

Alguns anos se passaram, o governo estadual passou a olhar para esse povo e foram iniciadas as movimentações para reconhecimentos dos territórios como quilombos. Isso aconteceu a partir de muita luta de movimentos sociais. Como o Movimento Negro Unificado, em parceria com a igreja católica que na época, início dos anos 2000, mantinha muito forte as pastorais. Uma delas era a pastoral Afro. Passado muito tempo da formação docente da primeira mulher quilombola e apesar de ser uma faísca de esperança, ainda assim esse sonho continuava distante para muitas mulheres. Foi quando se instalou um pólo da Universidade Federal de Rio Grande no município de São Lourenço do Sul com a proposta de um curso inovador que incluía todos os povos do campo, inclusive os quilombolas. O curso tinha como proposta formar professores de ciências da natureza e agrárias e fazer ciência e tecnologia de acordo com os saberes adquiridos por esses povos durante sua existência e vivência no campo. Também trazia um regime de alternância entre períodos de plantação, colheita e aula. Isso quer dizer que as aulas aconteceriam no período oposto a plantação e colheita da cultura local. A notícia chegou na comunidade como um desafio, mas um desafio alcançável.

Algumas pessoas se inscreveram e começaram a frequentar as aulas. Permaneceram duas mulheres que, apesar de todas as dificuldades, principalmente de transporte, se formaram e conseguiram puxar outras para a universidade. A primeira estudante se chama Adriana Ferreira, que sempre teve a certeza da necessidade de estudar, mas se deparou com a dificuldade com o universo acadêmico, que não nos inclui de forma alguma. Isso a travou algumas vezes. Adriana sempre estimulou outras mulheres a seguir o caminho da educação. Um dia perguntei a ela o que a motivou a estudar, ela disse: “um dia eu me dei por conta que o filho do patrão, muitas vezes mais novo que eu, já estava me mandando. E eu ali ainda, sendo mandada. Aí eu pensei que para mim sair dessa situação só estudando”.

Minha vida era bastante diferente dessas mulheres que citei, já que fui mãe muito cedo, aos dezesseis anos, e sempre precisei trabalhar para sustentar meus filhos com o mínimo de dignidade. Depois que pari dois meninos com menos de dois anos de diferença e sem pai presente, a vida financeira se tornou mais difícil do que já era. Apesar do apoio dos familiares, todos possuíam muito pouco para dividir e eu nunca pude me dedicar somente aos estudos. Sempre precisei trabalhar muito e sem escolha de trabalho. Um dia fiz um concurso para trabalhar na prefeitura como operária, profissão até então ocupada somente por homens, mas que eu tinha a certeza que era algo que eu sabia fazer muito bem, capinar. O concurso me daria segurança financeira para criar, naquele momento, três

filhos - durante esse período tive mais uma menina. A insegurança financeira aumentava, de forma que o sonho de estudar se tornava mais distante, talvez até inalcançável.

Um dia encontrei Adriana na rua, estava capinando com minha turma de trabalho. Nos cumprimentamos, perguntei onde ela estava indo. Ela me disse que estava indo para a universidade e perguntou: “por que tu não vais também? Tu és tão inteligente”. Eu disse: “Será? Será que eu consigo?” Ela disse “consegue sim, se eu consigo, tu também consegues”. Pensei naquilo durante muito tempo, até que saiu um novo processo seletivo específico para o curso. Eu não sabia bem como ia fazer, mas tinha certeza que ia tentar. Fiz o processo e fui aprovada. Naquele período eu estava em momento bom profissionalmente. Tinha conseguido um desvio de função na prefeitura e o chefe era muito parceiro. Conversei com ele sobre o assunto e ele me deu o maior apoio. Porém engravidei novamente e o sonho teve que esperar. Pensei que estudar seria somente um sonho mesmo e que eu deveria ser uma dona de casa, cuidar da família e só. Os professores ainda tentaram me motivar, me incluindo no ensino à distância no período de licença maternidade. Mas eu não me percebi capaz de cuidar da criança e estudar.

Durante um ano vivi a maternidade, quando meu filho completou sete meses voltei a trabalhar e com toda a carga de trabalho doméstico, materno e trabalho fora de casa, ainda pensava em estudar. O estudo para mim e para minha família significava alcançar um futuro, ser alguém na vida. Estar distante da família pesava muito pra mim. Passaria menos tempo com os filhos que estavam adolescendo e precisavam de um pouco mais de atenção. Ao mesmo tempo em que não estudar significava aceitar a condição de trabalho subalterno, humilhações e condições de vida difícil, sem poder ofertar para eles a possibilidade de estudar e melhorar de vida, o ciclo se repetiria. Foi quando a FURG ofertou novamente o processo seletivo para o curso de Educação do Campo. Resolvi tentar, já que mais três mulheres da comunidade quilombola Coxilha Negra resolveram tentar também.

Me inscrevi pelo processo geral, naquele momento não achava que me incluía nas cotas quilombolas, afinal estava trabalhando na cidade e não deveria concorrer pelas cotas, pois estaria tirando a vaga de alguém que estava na comunidade. Considerava injusto. Aprovei no processo e me deparei com inúmeras dificuldades: desde a dificuldade de compreender a linguagem acadêmica, insegurança para concluir os trabalhos, dificuldade de questionar professores e entender que podia errar, até a maior dificuldade que foi a escrita. O povo quilombola tem muita dificuldade com a escrita, pois além de ter uma cultura baseada na oralidade, a oportunidade da escrita chegou a pouquíssimo tempo

nesses territórios. Foram sete anos nesse espaço de muito aprendizado, dor e autorreconhecimento.

Na graduação, o desejo de consumir leituras longas que me prendessem por muito tempo se tornou inexistente. Quase nenhuma das indicações bibliográficas ofertadas pelos professores e professoras contavam minha história, a história dos meus antepassados, ou a contribuição tecnológica e para o desenvolvimento humano oferecida pelo povo preto e quilombola. Por outro lado, algumas das escritas contribuíram para meu crescimento e avanço enquanto ser em transformação, trazendo temas relevantes como a educação popular, campesinato, feminismos, agroecologia e inúmeras formas de produção científica. Tivemos algumas disciplinas ministradas por mulheres muito interessantes que trouxeram reflexões transformadoras, porém com as reflexões vieram também as decepções. As aulas traziam discussões interessantes sobre educação popular e métodos libertadores. Aliás, nada de inédito para nós, mulheres negras, que durante toda a vida aprendemos ouvindo em círculo e fazendo.

Algumas das docentes se autodeclaravam negras e até traziam autoras negras para as discussões. Por vezes falavam sobre o racismo e machismo estrutural, das lutas e importância das ações políticas para a transformação do mundo e até tentavam inserir estudantes negros nos processos de ascensão existente na universidade através de publicações, participação em eventos e outras atividades, como projetos remunerados. Sempre enfatizando o mérito dessas estudantes negras em relação às outras, demandando favores pessoais em troca dos benefícios ou solicitando segredo em torno das atividades vindouras. Foram inúmeras experiências negativas com professores que manipulavam os estudantes e talvez a si mesmos. Nesse grupo era visível a incorporação de um personagem que se tornava místico; e com esse comportamento escancarava o racismo. Mística é uma gíria usada para definir pessoas que se apropriam de saberes dos povos tradicionais para autopromoção. Essas pessoas usam ervas, roupas, pinturas, copiam rituais como se tivessem nascido e crescido com aquele povo. Depois da apropriação, passam a cobrar financeiramente por rituais e artefatos oriundos desses conhecimentos, nada muito diferente das ações de exploração e mercantilização dos colonizadores em 1500, quando chegaram na terra dos povos originários.

Mesmo que tenhamos progredido visivelmente na educação formal, ainda assim não é comum encontrar professores negros e negras ou professores brancos com conhecimento ou mesmo desejo em conhecer o antirracismo. Portanto, a universidade é um espaço que recebe as pessoas negras, mas não garante a permanência dessas, já que

a maioria, além de enfrentar problemas financeiros e de deslocamento, ainda precisa lidar com a saúde mental prejudicada na e pela academia, ainda muito excludente. Muitas foram as lutas das mulheres negras e quilombolas nesse espaço, por querer falar e saber sobre nós mesmas na construção dessa educação que nos trazia a possibilidade de estar presente, mas não garantia nossa permanência. Lutamos por não nos sentirmos pertencentes, por nossas histórias e saberes não serem levados em consideração. Alguns avanços foram adquiridos, mas nada que realmente contemplasse nossa luta por presença permanente neste lugar.

### ***I.II - COVID 19 e o Kilombo Literário***

Minha turma iria se formar. Eu, por inúmeros problemas, ia demorar muito ainda. Estava feliz por eles, mas ficava um vazio por perder algumas parcerias caras e que me fortaleceram até ali. A turma se formou em um dia e no outro recebemos a notícia da pandemia COVID-19 e do isolamento. Ninguém sabia o que estaria por vir, o pânico era mundial. Ficamos em casa e esperamos por um longo período até que tudo fosse normalizando. Na época eu não possuía telefone celular, o aparelho que possuíamos era da família e meu companheiro levava para o trabalho. Eu passava o dia sem comunicação e confesso que nesse momento não estava me fazendo falta. Eu trilhava um longo caminho para a depressão. As aulas começaram a retornar aos poucos, à distância, faltava pouco para me formar. Já não sabia mais o que queria da vida, se viver ou não. Meu futuro como o de todos era indefinido, milhares de pessoas morriam e o pânico estava instaurado. Passávamos por um governo que desafiava a ciência e plantava falsas informações nas redes sociais, além de usar a única coisa que as pessoas tinham naquele momento, a fé, para saquear o país e aumentar a pobreza.

Um dia meu marido chegou em casa com a notícia de que um homem estava me ligando, precisava falar comigo. Eu não queria, estava deprimida e quanto menos eu falasse com qualquer pessoa melhor me sentia. Depois de muitos dias, atendi uma ligação na casa de minha sogra, era o tal homem. Um professor de letras que estaria vindo dar aula no Campus de São Lourenço do Sul e trazia consigo um projeto com nome Kilombo Literário, cuja proposta seria partilhar e debater textos de pessoas negras. Ouvi por alguns minutos o homem que apresentava o projeto de uma forma muito bonita, que me permitia imaginar e esperar outra universidade possível. Porém passávamos por um período de isolamento e todas as atividades eram online. Respondi que gostaria de participar da

seleção, afinal estava desempregada e sem a bolsa MEC, que possuía a validade de cinco anos.

O presidente da época não considerou a pandemia e dos períodos sem aula, e o MEC cortou a bolsa de quem completou cinco anos na universidade. O homem me respondeu que bastava eu aceitar, gostaria que fosse eu por uma indicação confiável que havia recebido. Contei que era educadora popular e que realmente sabia ministrar rodas de conversa, só que o grande desafio seria fazer isso online. Me considerava velha para desenvolver atividades que necessitassem operar tecnologia. Ele me disse que eram dois projetos: um de extensão e outro de pesquisa. No projeto de pesquisa o bolsista seria o Éder, grande parceiro do movimento quilombola. Uma boa notícia, ao menos não estaria sozinha em algo que nem sabia como começar.

Marcamos a primeira reunião para nos apresentar. Lembro que fazia um lindo dia de sol, já havia visto o professor uma ou duas vezes, mas não o conhecia. Fiquei com um pouco de medo das críticas e mais medo ainda de não responder as expectativas do projeto. Na primeira reunião, saímos com a tarefa de ler alguns textos discutir no próximo encontro, parecia que a coisa seria bem teórica.

No meu ponto de vista a universidade pública é uma selva de pedras e vaidades, durante a graduação tive muitas decepções. Eu que acreditava que ali seria um lugar de inclusão e sem concorrência, já que todos estavam caminhando para o mesmo destino, percebi a manipulação dos professores em relação aos estudantes no sentido de desunião, incentivando a concorrência e se apropriando das escritas, falas e até oficinas para se promoverem. Eu e o Éder, depois de muito observar, entendemos que a única coisa que deveríamos fazer era sair logo desse espaço adoecedor sem sermos explorados. Só que com esse pacto perdemos muito, pois não escrevíamos artigos, não publicávamos e não tínhamos a mínima segurança na escrita. A gente entendia da apropriação dos nossos saberes, sabíamos que os professores todos brancos só trocavam nossas palavras, o “pretuguês”, por palavras bonitas e publicavam. Porém ficamos com essa deficiência, líamos só o que era obrigatório e acredito até que não sabíamos ler, e quem não sabe ler não sabe escrever.

A escritora Lélia Gonzáles define o “pretuguês” como “herança do continente africano para os descendentes afrolatino-americanos”. Ou seja, aquilo que chamo de “pretuguês” nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil (Lélia Gonzáles, 1988). Desse modo, por mais que acreditássemos que tudo que éramos até o presente momento nos definisse - nossa linguagem fazia sentido, ainda assim

sabíamos que dependíamos de pessoas brancas para validar nossos pensamentos e escritas. Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, recalcado para classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional” etc., que minimizam a importância da contribuição negra (Lélia Gonzáles, 1988).

Com essa consciência, fomos dando formato ao Kilombo Literário, que começou como uma aula com turma do curso de educação do campo, na aula de língua portuguesa. Era uma turma de doze alunos, a leitura era compartilhada e depois discutidas. Confesso que a sensação era estranha, as pessoas não abriam o microfone, nem mesmo as câmeras de seus computadores. Pareciam estar ali para cumprir carnê, receber presença e só. Como dito antes, as aulas remotas apresentavam vários desafios que variavam da dependência do sinal de internet até dificuldades para operar tecnologia, muitas das vezes em aparelhos ruins.

Lembro que o primeiro texto que compartilhamos foi de Conceição Evaristo, do livro Olhos D’água. Nesse dia já comecei a me enxergar nos contos propostos pelo professor. Ao terminar a leitura meus olhos marejavam, foi o primeiro passo para entender que existiam mulheres negras que contavam minha história de forma que eu entendesse e, o mais importante, que minhas mulheres entendessem e se sentissem encorajadas a escrever: a “escrevivência”. Que escrever nas minhas palavras também era produzir ciência e que o espaço eurocêntrico escolhido por mim e pela minha família para ser ocupado poderia ser nosso ao menos um pouquinho do nosso jeito.

### ***I.III - Pacto: Pesquisa Política Pública***

A entrada no ensino superior marca a vida. Após ingressar no ensino superior, começamos a entender um pouco sobre nossos lugares no mundo e o porquê da dificuldade e falta de apoio para estudar. A educação liberta e a arma que ninguém poderia nos tirar seria o conhecimento. Começamos a pesquisar as coisas que aconteciam em nossas comunidades, projetos feitos sem consulta prévia, ONGs e instituições que dizem prestar consultoria e extensão rural, mas que não nos incluem e sem devolutiva. Passamos a conversar sobre isso, perceber os erros e entraves e entender que a mudança para que as políticas públicas se estabelecessem de fato seria através de nós. Pactuamos que a partir de então tudo que escreveríamos seria sobre nós, afinal quem melhor para

contar nossa história que nós mesmos? Decidimos pesquisar sobre nossos direitos, crenças e denunciar abusos sofridos. Pesquisas que perpassaram pela negação da educação formal de pessoas negras quilombolas, pesquisas sobre terra, território, sobre ser quilombola, sobre a escassez da água que assola o território. Acreditamos que só assim poderemos alcançar um mínimo resultado positivo sobre nossas questões.

As primeiras pesquisas realizadas por quilombolas do Coxilha Negra foram a da Adriana Ferreira, no ano de 2018. Seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a escassez das águas nos quilombos, a nossa maior preocupação na época no nosso Quilombo e em todos os outros da região Sul. Adriana diz no seu TCC que percebeu que estar na universidade lhe traria mais responsabilidades, além de ser exemplo positivo para outras mulheres quilombolas. Isso também significava levar mudança para a comunidade, o conhecimento teria de ser fruto para partilhar com todos.

Mas, no entanto, deparei-me com a problemática da água na minha comunidade, iniciada através do relato da uma integrante da comunidade Comunitária Quilombola Coxilha Negra, quando em uma roda de conversa relatava a respeito das dificuldades enfrentadas. Ela relatou que no ano 2016, quando voltou para casa com suas crianças ao anoitecer do trabalho de diarista com seu marido na colheita de fumo, não tinha água para as suas necessidades que seria naquele momento tomar banho e dar banho nas crianças e fazer a comida (jantar), só poderia fazer uma escolha ou o banho ou a comida, ela optou pela comida para o jantar, ela, seu marido e as crianças dormiram sem o banho. Neste momento todos os presentes da roda de conversa ficaram chocados com a situação em que ela relatava, mesmo que todos os presentes já teriam passado por aquela situação no momento em que se escuta esta mesma fala vinda de um semelhante teu te toca profundamente, começa-se a refletir consigo mesmo interiormente. (Adriana Ferreira, 2018, p.7).

Vilma Piedade nomeia esse sentimento de “dororidade”, que segundo ela é algo que só pode ser sentido por mulheres que sofrem racismo.:

A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a DOR- mas, neste caso, especificamente, a dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. (Vilma Piedade, 2017, p. 17).

A partir dessa percepção de mudança e conversas entre nós com professoras realmente comprometidas com a causa, decidimos pesquisar sobre nossas reais necessidades. A segunda formanda, Juliana Soares, decidiu pesquisar sobre educação

antirracista, decisão tomada após refletir sobre a exclusão de estudantes do ensino formal, sofrido por ela e por quase todas as pessoas quilombolas.

Não acredito que devemos apenas estudar por estudar, não estudar para ser alguém na vida. Frase que muitas vezes, ouvia na minha infância, como se nós do campo não fossemos ninguém. Acredito sim, que os processos de ensinar e aprender vão além da educação como obrigatoriedade formal porque o ensinar não deve ser visto como transferência de conhecimento. Creio na educação como um dos meios de construção coletiva de conhecimentos, que possui a potencialidade de desenvolver a criticidade, a curiosidade e autonomia dos sujeitos da ação, para que os conhecimentos construídos sejam efetivamente úteis nas práticas do dia a dia.” (Juliana Soares, 2019, p.9)

Observando o andar da comunidade e percebendo as necessidades fomos sentindo o que mais precisava ser pesquisado e que algum dia nos traria resultados palpáveis, como implementação de políticas públicas e garantia de acesso a direitos.

Jéssica Ferreira pesquisou sobre alternativas ecológicas para tratamento de efluentes rurais.

A escolha da temática adveio no 4º semestre, na cadeira de ciências naturais IV, ministrada pela professora Marlene. Os conteúdos teóricos dessa disciplina englobavam o estudo das estações de tratamento de esgoto (ETE) e estações de tratamento de água (ETA). Neste momento fui capaz de estabelecer a minha linha de pesquisa, pois até então não tinha a mínima noção dos problemas que a falta de tratamento de efluentes acarreta. Após as leituras e reflexões sobre o assunto percebi o quanto minha comunidade (ainda) sofre com o precário saneamento básico e vi também que existem diversas escolhas, não apenas uma, como nos era apresentado. Diante disso, surge o questionamento; como que, com tantas possibilidades, não tínhamos tal conhecimento? (Jéssica Ferreira, 2021, p.7)

Jéssica é mais uma de nós que percebe através de conhecimento que as políticas não nos chegam e não nos chegariam senão através de nós. Diante das dificuldades e do conhecimento que agora possuíamos em relação ao nosso território e do orgulho que sentíamos de cada mulher que honrava nosso pacto, decidi pesquisar sobre a água. A princípio minha investigação seria sobre a educação e escolas quilombolas, já que passamos por um processo doloroso de fechamento da escola multisseriada que existia na comunidade desde sempre.

O fechamento da escola me fez perceber o quanto conhecer as leis, ter bons parceiros, eleger políticos comprometidos com nossas causas e acima de tudo estar em espaços de poder nos faz poderosos. Desde esse dia, trilho com maior responsabilidade

ainda o caminho do saber. Estava certa que precisava dissertar sobre a educação quilombola até que chegou mais um verão e a seca assolou novamente os territórios quilombolas. Como minha formação seria em ciências da Natureza e o tema água precisava ser mais e melhor debatido, optei por pesquisar sobre a questão.

Precisávamos saber como preservar o pouco que tínhamos o que até então era o que todas nós acadêmicas pensávamos, sem nos dar conta que se ainda estávamos naquele território com água escassa sim, mas com água é porque alguém mantém, cuida e guarda essas águas. Depois de muito observar e pensar, observar e perceber que os espaços aldeados em sua maioria são cuidados por mulheres, fui presenteada com o tema de minha pesquisa. Acredito que fui presenteada com o tema por meus ancestrais; eles me deram de presente a investigação sobre as mulheres que guardam a água do meu e demais quilombos.

Meu TCC foi então sobre essas mulheres de diferentes quilombos da região sul do estado do Rio Grande do Sul que guardam e zelam pelas águas nos territórios quilombolas. Infelizmente as investigações foram bem restritas já que ocorreram em período pandêmico, momento em que as aproximações e encontros presenciais não eram indicados. Mesmo assim, consegui pesquisar superficialmente em quatro quilombos e foi com essas investigações que tive a certeza de que são as mulheres as responsáveis pelas águas de seus territórios.

#### ***I.IV – Escrivência e autoetnografia – a metodologia da pesquisa***

*Agora, ela (Maria-Nova) já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios e os silêncios; o grito abafado que existia, que era de cada um de todos nós. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo. (Conceição EVARISTO, 2006, p. 198)*

Uma das conclusões do meu Trabalho de Conclusão de Curso na época foi que “as mulheres quilombolas, “apesar de carregarem um saber ancestral, exaltam seus opressores como se nada soubessem” (Carina Ferreira, 2022, p. 34). E, ainda, que as mulheres quilombolas são um acervo científico.

Descubro que, sim, as mulheres quilombolas tem um outro olhar para a preservação da natureza, mesmo que esse olhar não seja o “politicamente correto” e nem aprovado cientificamente. Ainda assim, é possível afirmar que as mulheres quilombolas contribuem muito à preservação do meio onde vivemos e seus saberes devem servir como fomento de estudos científicos. (Carina Ferreira, 2022, p. 34)

A definição me fez crer que o tema merece ser investigado com mais profundidade, o que me levou a ingressar na pós-graduação em antropologia, curso que me daria as ferramentas necessárias para a análise profunda que desejo fazer e deixar como subsídio para futuros estudos e implementação de políticas para as comunidades quilombolas.

As investigações nunca pararam e, por consequência, minha atuação na comunidade ficou mais intensa. Passei a atuar mais à frente da associação e na construção de eventos junto com as mulheres e comunidade em geral. Além de perguntas e audição de algumas histórias já usando a experiência de antropóloga, observava coisas e paisagens que se manifestavam sem falar. Olhar, ouvir e escrever (Roberto Cardoso de OLIVEIRA, 1996).

As observações a partir do mestrado em antropologia se tornaram mais sensíveis, as curiosidades se aguçaram e o querer saber agora exigia detalhes antes passados despercebidos. As paisagens, o comportamento que se modificava diante de meu olhar epistêmico. Comecei a passear mais pela comunidade quilombola, prestando mais atenção nos comportamentos e palavras não ditas. “O bom resultado da pesquisa, depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador” (Miriam GOLDENBERG, 2011, p.53).

Acompanhada do caderno de campo que recebia anotações, quase sempre após o campo para não constranger as pessoas observadas. Objeto que se tornou um companheiro de reflexões e recordações inesquecíveis. “É o diário por fim que permitirá efetuar, na medida do possível, uma auto-análise” (Florence WEBER, 2009, p. 168).

Uma das minhas primeiras observações foi tentar entender sobre o protagonismo das mulheres. Seriam elas as protagonistas do território? Sempre tive a certeza de que são as mulheres que guardam e resistem no território, mantendo os costumes e tradições. Essa convicção me vem de vivência mesmo, entendendo que em minha comunidade apesar de ser normal o trânsito das mulheres que saem para trabalhar nos municípios vizinhos, pelo menos uma de cada família sempre ficava em casa cuidando do território. Essas mulheres experienciavam a vida fora da comunidade, onde a água jorra das torneiras e a vida é entendida como mais fácil e moderna, tinham um sistema de revezamento de tempo dentro e fora do território, que se dá de forma quase que

imperceptível por quem é da comunidade. Passam um tempo fora e daqui a pouco voltam e nesse período outra mulher sai. Me parece uma dança das cadeiras onde cada uma delas ocupa um pouco o trono naturalmente, sem eleições ou assembléias para decidir quem vai ou fica, mas sim um sentir que está na hora de partir ou permanecer.

Nesse sentido, paralisei durante muito tempo como pesquisadora. Achava que por observação saberia descrever perfeitamente o que se passava no quilombo Coxilha Negra, afinal conhecia as pessoas desde sempre e sabia sobre o pensar e agir de cada mulher. Pensei até em modificar minha pesquisa, pois para mim já não fazia tanto sentido pesquisar sobre algo que eu já sabia, não teria surpresas e o encantamento pela pesquisa já não era o mesmo. Mas como mudar o tema de pesquisa se ao mesmo tempo que eu imaginava saber tudo sobre meu quilombo, tinha firmado um compromisso com minha família e as pessoas da comunidade que após alcançar o espaço universitário ninguém mais escreveria nada sobre nós sem nós? Se o desejo da comunidade e meu era que, além de da história da nossa terra ser contada por nós, essa pesquisa ia significar um documento contendo denúncias que só nos poderíamos fazer? Ser mais um espaço de resistência ocupado por nós? Foram muitos ir e vir pela comunidade tentando achar o desconhecido, o tesouro, o fio da meada.

Junto a isso, reflexões sobre permanência e representatividade na academia me levam a considerar a importância de estudos e práticas que valorizem nossas narrativas e experiências. Entre o acontecimento a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, contínuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência, nos termos de Conceição Evaristo:

Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que pessoas de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado das africanas que tinham que ninar os da casa-grande (Conceição EVARISTO, 2020).

Isabella Rosado Nunes (2020) nos faz perceber que a Escrivência de Conceição Evaristo

(...) compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras. Sobre o que nos move, sobre a vida, colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que ao registrar ou publicar promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa (Isabella Rosado Nunes, 2020, p.14).

Entre esperanças e desesperanças vividas na graduação, nossas expectativas, enquanto estudantes quilombolas de Licenciatura em Educação do Campo eram colocar em prática o conhecimento empírico dos camponeses juntamente com o conhecimento científico, entrelaçando todas as disciplinas da grade curricular escolar, porém baseado em bibliografias de pessoas pertencentes aos povos tradicionais que realmente vivessem essa realidade. Mas as histórias de lutas que nos chegavam por algum motivo não me contemplavam, mesmo sendo algumas lutas que, sim, sem dúvidas nos são muito valorosas.

Essa talvez tenha sido minha primeira observação crítica: as professoras eram interessantes, mas eu não me reconhecia nelas. Elas não tinham como mensurar minha dor, já que sua cor clara e fenótipo, sua passabilidade branca, as permitiam adentrar em espaços e viver coisas que talvez não sejam permitidas nem para minhas gerações futuras. Não tinha como afirmar nada, mas as dúvidas pairaram e mais tarde algumas se tornaram certezas. Além dessa primeira impressão sobre ser negra e querer ter mais de nós na academia, tendo que passar pelo processo de não se encaixar em lugar algum, as dores aumentavam mais ao não conseguir me colocar nas lutas das mulheres feministas, ao menos das mulheres e lutas ali apresentadas. O feminismo estudado até ali, que só fui compreender melhor no mestrado em antropologia, por meio de autoras que me apóiam para escrever essa dissertação, nos foi apresentado brevemente em um texto ou outro. As leituras na graduação eram de pensadores masculinos e não contemplavam as tantas escritoras negras.

O fato de não ter professores negros enquanto a maioria dos estudantes da minha turma era quilombola, acentua a discrepância. Talvez os docentes ainda não estejam preparados para aplicar as aulas à realidade dos discentes.

Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. (Conceição EVARISTO, 2003, p.2)

Hoje, mais do que nunca, sei que escrever requer leitura, pesquisa e observação e o dia de começar a escrever textos maiores e coesos chegou em minha trajetória acadêmica. Quando cheguei na universidade, entrei em crise e passei a me considerar totalmente ignorante na arte da escrita, pois a academia era cheia de regras e desqualificação do meu conhecimento até então adquirido. Essa crise me acompanhou por muito tempo, carregada do sentimento de incapacidade, até que conheci a primeira escritora negra que se parecia comigo: Conceição Evaristo Mesmo que a escritora tenha aberto espaço para que eu mergulhasse na leitura negra e feminina, eu simpatizo demais com o modo como ela descreve o processo de escrita, ou “escrevivência”:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor. Eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança. Às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto ou ainda executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa. É a senha pela qual eu acesso o mundo." (EVARISTO, 2003, p. 2)

Evaristo me foi apresentada como leitura obrigatória através do projeto de rodas de leitura de escritoras negras Kilombo Literário. A tarefa era estudar sobre uma séria literária chamada *Cadernos Negros*, que reúne escritas de autores e autoras negros e negras, bem como estudar os textos da própria Conceição Evaristo. A primeira coisa que me chamou atenção foi a foto dela, uma mulher negra retinta, rechonchuda, com cabelos grisalhos e lábios grossos decorados com um belo batom vermelho, que apresentava um lindíssimo sorriso, seguido de sua história de vida como professora, escritora, militante e ganhadora de vários títulos referentes à literatura no Brasil e no exterior.

Segundo a própria Evaristo, sua forma de escrita conecta o passado com o presente, oferecendo ao mundo a escrita através de sua vivência. A autora descreve essa experiência com simplicidade:

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con (fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente. (EVARISTO, 2009).

A leitura que me foi oferecida era do conto “Olhos d'água”, talvez a melhor leitura que fiz durante minha vida adulta. Esse texto me provocou lágrimas e até soluços de emoção ao perceber que existia alguém que falava para mim e de mim, de forma simples e muito real, já que as vivências das mulheres negras em muito se parecem, mesmo em diferentes territórios. O mais bonito foi descobrir que eu poderia escrever para mim e para as minhas mulheres negras quilombolas, do meu jeito, sem tantas regras inventadas por alguém que não me conhecia, nem tinha interesse em me ouvir, nem o direito de me descrever.

O referido conto apresentava minha história de vida resumida em três páginas, despertando meu interesse para futuras leituras. A sua forma de escrita se chama “escrevivência” – a coisa mais linda já vista na escrita, ou seja, uma escrita através de vivências, memórias escritas com palavras e percepções negras. A etnografia pressupõe a observação e análise de vivências (do outro), onde a pesquisadora participa enquanto alguém de fora, a escrevivência permite o mesmo, mas com autoridade de ser alguém de dentro, próxima em vez de distante. De acordo com a autora, considerando o seu processo de escrita:

Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escrevivência das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade teima em querer inferiorizar: mulher e negra (EVARISTO, 2003, p.6).

Descobrir minha forma de escrita, muito parecida com a de Evaristo, foi uma libertação, já que, pela primeira vez, pude perceber que minha escrita, antes descrita por pessoas não negras pelos mais diferentes nomes – poética, romântica e tantos outros – para dizer que eu escrevia errado, agora estava garantida por essa mulher maravilhosa que me amparava com a belíssima escrevivência e sua magnitude. Entendi que sim, eu poderia escrever, seria por vezes doloroso, mas essas histórias deveriam ser contadas por mim, minhas vivências escritas por mim, por mais ninguém – minhas escrevivências. Assim, escrever é, além de uma forma de expressão, um ato político.

A pesquisa foi realizada em meu Quilombo, lugar-tempo que faz parte de mim, bem como todas as mulheres e lugares que apresento ao longo destas linhas. Nesta escrita,

trago a mim e as mulheres do meu quilombo, com relatos limpos e transparentes sobre nós. Esta é uma escrita de todas nós através de mim. Entendendo que todas somos uma, utilizei como metodologia a escrita de nossas vidas e vivências, a “escrevivência”, de Conceição Evaristo, atrelada à autoetnografia.

Enquanto a etnografia pressupõe a observação e análise de vivência do outro, onde a pesquisadora participa enquanto alguém de fora, a escrevivência permite o mesmo, porém com a autoridade de alguém que está vivendo o que está pesquisando, ou seja, um sujeito de pesquisa que está dentro, imersa na realidade pesquisada.

Na antropologia, uma postura similar, onde a imersão da pesquisadora no campo corresponde à observação e reflexão sobre uma realidade compartilhada com as/os interlocutoras/es, é chamada de autoetnografia, uma epistemologia e metodologia contemporânea que, segundo Silvio Matheus Alves Santos (2017):

(...) é um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro. (Silvio SANTOS, 2017, p. 7)

A autoetnografia, que a antropóloga Fabiene Gama (2020, p.5) considera uma metodologia inovadora, ainda não é tão comum em espaços que não incluem mulheres quilombolas, como a universidade, e ainda menos na pós-graduação. Por isso, a importância de estar amparada por abordagens contemporâneas a fim de ser sustentada por essas mulheres quilombolas de meu Quilombo Coxilha Negra.

De acordo com Silvio Santos (2017), “fazer autoetnografia” ou o “ser uma autoetnógrafa”,

exige uma atenção primordial para a investigação do “eu” em primeiro plano (suas memórias e experiências), para as preocupações representacionais durante todas as etapas do processo de pesquisa (interações com os “outros” – sujeitos investigados – e temas de pesquisa) e a representação desses processos em relação aos contextos social e cultural (Silvio M. A. Santos, 2017, p. 43).

Ainda assim, devo confessar que minha escrita tem sido uma tarefa difícil, por se tratar de uma autopesquisa, onde tive que revisitar alguns lugares e tempos esquecidos. Minha orientadora e eu sabemos que há muito mais a contar sobre as mulheres do meu

Quilombo, mas que por enquanto o que trago é o que elas querem que seja escrito e documentado.

Neste percurso de escrita de si que se configura como uma metodologia exigente por suas múltiplas camadas de reflexividade – já que a pesquisadora e o sujeito pesquisado se fundem em uma mesma pessoa (Fabiene Gama, 2020, p. 5) – pude vivenciar, junto com essas mulheres, diversas formas de pesquisa. Além dos relatos escritos em meu caderno de campo, fotografias e longas conversas, pude entrelaçar nossas vidas às bibliografias antropológicas e perceber a comunidade quilombola através do olhar agora antropológico, olhar de forma diferente para imagens, paisagens e performances dessas mulheres, estando incluída no processo, sendo eu uma dessas mulheres.

Essa via percorrida em minha pesquisa pode ser denominada, nos termos de Fabiene Gama, como uma pesquisa que transgride as barreiras por muitas vezes impostas:

Não tratamos de “dados”, mas de “experiências”. São pesquisas altamente corporificadas, reflexivas e emotivas – qualidades muitas vezes criticadas ou ignoradas nas pesquisas qualitativas, mesmo antropológicas – e por isso transgressoras, indisciplinadas, políticas. (Fabiene Gama, 2020, p.5)

Durante o percurso, que por vezes foi doloroso, ao ouvir cada relato – seja de abuso de poder ou outros acontecimentos – precisei parar, respirar e me lembrar do meu papel de pesquisadora. Segundo Fabiene, esses trabalhos são extremamente interessantes:

Isto ocorre porque, neles, além de refletirmos sobre dados observados externamente e relatados oralmente, também atentamos para conhecimentos apreendidos através do nosso próprio corpo, que se move e encontra diferentes ambientes, pessoas, objetos e experimenta diversas emoções (Fabiene Gama, 2020, p.3).

Nesse processo, percebi o quanto é fundamental que as pesquisas sejam feitas por nós, conosco e não sobre nós (escritas por mãos que não sejam quilombolas). Patricia Collins, ao falar a partir do pensamento feminista negro, nos diz que

existe uma longa e rica tradição de um pensamento feminista negro. Grande parte deste pensamento tem sido produzido de forma oral por mulheres negras comuns, em seus papéis de mães, professoras, músicas e pastoras.

Desde o movimento dos direitos civis e do feminismo, as ideias de mulheres negras têm sido cada vez mais documentadas e está atingindo um público mais amplo. (Patricia Hill Collins, 2016, p.2)

Dessa forma, é a partir dos estudos dessas pensadoras que acredito estar trilhando o caminho certo, pois, ainda segundo a socióloga, é muito importante que nós mulheres negras sejamos intelectuais:

Logo, um papel para mulheres negras intelectuais é o de produção de fatos e de teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras. Em outras palavras, o pensamento feminista negro contém observações e interpretações sobre a condição feminina afro-americana que descreve e explica diferentes expressões de temas comuns (Patricia Hill Collins, 2016, p.6).

Portanto, acredito que quanto mais mulheres negras quilombolas estiverem no campo da intelectualidade, mais poderemos nos representar nos espaços que antes éramos apenas objetos de pesquisa.

## II. As águas que me trazem até aqui



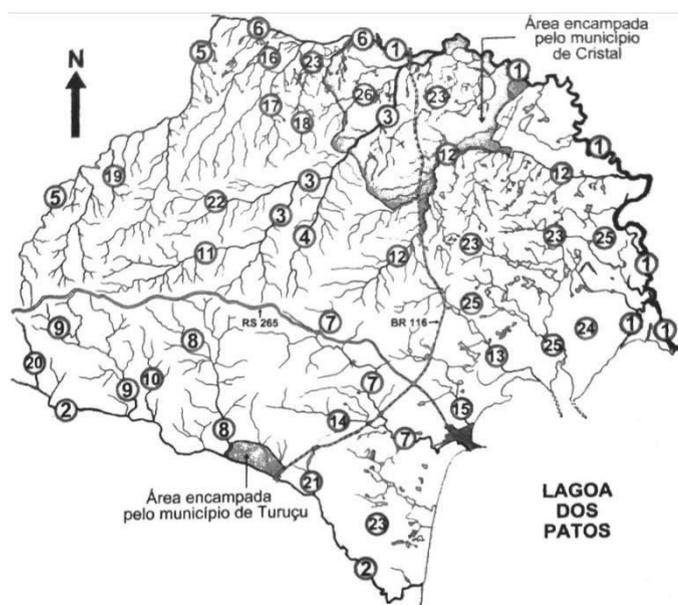
À esquerda, sanga que margeia as terras da família Santana no Quilombo Coxilha Negra. Foto: Carina Santana Ferreira.

Acima, Placa no acesso principal ao Quilombo. Foto: Alass Derivas.

São Lourenço do Sul é margeado pela Lagoa dos Patos, na qual deságuam derivam vários cursos d'água. O autor lourenciano Edilberto Luiz Hammes (2010) elaborou importantes mapas que mostram a localização dos lençóis e possíveis explicações sobre a escassez de água nos quilombos. No mapa a seguir ele retrata a disposição das águas no município de São Lourenço do Sul. Optei por falar somente nos arroios São Lourenço e Evaristo por serem os arroios que permeiam o quilombo Coxilha Negra.

No mapa adiante, os arroios estão descritos pelos números 7 - Arroio São Lourenço e 3 - Arroio Evaristo. Segundo Hammes, o arroio Evaristo foi até bem pouco tempo atrás o mais longo do município que nascia, atravessava grande trecho do interior e tinha seu leito exclusivamente dentro do território lourenciano. Com a emancipação do município de Cristal, só a nascente e seus primeiros quilômetros ficaram em terras de São Lourenço do Sul (Edilberto L. HAMMES, 2010). O autor dedica generosa escrita para comentar sobre o arroio São Lourenço:

Não tem ele uma nascente propriamente dita. É formado na realidade pela confluência de pequenos cursos de água que só se tornam importantes quando há grandes precipitações de chuva na região. O mais longo ramo vem da localidade de Santa Cecília, passando por picada Moinhos. Outro Córrego inicia perto da Boa Vista. Um terceiro se origina em picada Caipira. E mais um vem de Monte Alegre, com ramos perto da Coxilha Negra e Serra Velha (Hammes, Edilberto Luiz, 2010).



Mapa Hidrográfico de São Lourenço do Sul.

É fato que o Quilombo Coxilha Negra era rodeado de água que foram escasseando com a contribuição da intervenção humana. A partir de nossos estudos como cientistas agrárias e com o saber empírico de nossos mais velhos, constatamos que o lençol freático do braço que levava água para a comunidade quilombola foi cortado durante a construção da RS-265. Essa obra utilizou parte das terras do quilombola Vilson Ferreira, que possui noventa e nove anos e lembra nitidamente como o crime ambiental aconteceu e do resultado já previsto por ele. Previsão garantida pela escola da vida da vivência quilombola. Seu Vilson conta:

“ué, minha fia, um dia tavo mexendo aí na estrada, a água começo a corre por cima, só pro lado di lá. Eu logo vi que aquilo não ia dá certo. Falei preles, eles dissero que io arrumá. Tábão, des disso fomo abrindo cacimba e a água não veio mais” (Vilson Ferreira, caderno de campo, 2023).

Segundo a indígena e feminista comunitária Lorena Cabnal, o sistema liberal extrativista vende esses processos como progresso econômico, e que a definição de melhora de vida, não permite opiniões da minoria.

A este processo histórico de opressão contra a natureza e os seus bens junta-se todo o atual sistema extrativista neoliberal que, na sua visão de desenvolvimento ocidental, procura “melhorar a vida das pessoas”, com estratégias de participação e envolvimento das comunidades no trabalho extrativista para melhorar a sua condição de pobreza. (CABNAL, Lorena, 2010, p. 23)

Percebemos na fala de seu Vilson que ele já previa a desgraça, além de ter que ceder um pedaço de suas terras para a construção da estrada, realizada sem consulta prévia com a comunidade quilombola, ainda sofre com a falta de água, bem, que de certa forma de lhe foi furtado pela necessidade imposta de modernização.

No livro de Beatriz Nascimento, *Quilombola Intelectual*, a autora descreve a visão das pessoas brancas em relação ao conhecimento e intelectualidade das pessoas negras. “Fico chocada quando se dá ao branco a cabeça, a racionalidade, e ao negro o corpo, a intuição, o instinto. Negro tem emocionalidade e intelectualidade, tem pensamento como qualquer ser humano.” (Maria Beatriz NASCIMENTO, 2018, pág 102). Seu Vilson, que é morador do quilombo desde muito tempo, com certeza conhece muito melhor o território do que os intelectuais responsáveis pela construção da estrada, porém não lhe foi depositada a credibilidade do saber por ser um homem negro e sem “instrução”.

O Quilombo Coxilha Negra está localizado na cidade de São Lourenço do Sul, Rio grande do Sul, Brasil. Segundo o censo do IBGE de 2022, o município possui atualmente cerca de 42 mil habitantes, sendo que a maioria vive no nas regiões do interior. A economia local é baseada na agricultura, principalmente na cultura do fumo. O município é conhecido como colonizado por Pomeranos, os quais avizinham os Quilombos, sendo muito mais bem sucedidos e possuindo maior extensão de terra que os Quilombolas, terras essas muitas vezes desapropriadas. Diferente da maioria dos Quilombos, nosso território não é ocupado somente por moradores Quilombolas, mas sim partilhado com pessoas não negras, detentoras de todo o comercio local.

O município de São Lourenço do Sul contém cinco Quilombos espalhados pelo interior, um dos quais é o Coxilha Negra, que fica no sétimo distrito do município. Nosso Quilombo possui quarenta e três famílias, em sua maioria chefiadas por mulheres. As pessoas trabalham sobretudo como diaristas nas lavouras vizinhas, que são geralmente de

fumo, em época de plantação e safra, e de milho e batata branca na entressafra. Algumas mulheres trabalham como faxineiras e empregadas domésticas nas cidades vizinhas ou na capital do Estado, retornando para suas casas no final de semana. Outras permanecem no território, dando suporte para os que precisam sair para buscar o sustento. A permanência no Quilombo inclui cuidar da casa, preparar alimento e principalmente cuidar das crianças e idosos.

Referindo-se aos jovens que saem do território e não conseguem alcançar o objetivo de conseguir um trabalho bem remunerado, além de outros sonhos criados pelo capitalismo, e voltam para o Quilombo, Anacleto Pires da Silva, mulher quilombola e pesquisadora, afirma que “esse é um retorno importante para a cura do território” (2020, p. 47). Muitas dessas pessoas, inclusive, acabam caindo nas armadilhas das drogas e outros. Por isso, estar no Quilombo é fazer parte desse território, junto e conectado com tudo que o compõe. Isso sem sombra de dúvidas é estar bem. Tudo só está bem quando completo. Por isso a autora relaciona os retornos à cura do território.

Na comunidade, poucas pessoas tiveram acesso à educação formal, ou seja, tiveram a possibilidade de completar o ensino básico. Entretanto, quase todos são bilingues, falam português e Pomerano. Trata-se de uma estratégia utilizada para autodefesa na convivência com os Pomeranos. Segundo Mariléia de Almeida, uma de suas percepções durante entrevista realizada com mulheres quilombolas foi que são “múltiplas [as] formas de violência que elas sofrem cotidianamente e para as ações que elas realizam na tentativa de se protegerem desse cotidiano violento” (Mariléia de ALMEIDA, 2016, p. 4).

As terras que pertencem aos quilombolas, além de serem reduzidas, não são produtivas. O local é rodeado de descendentes de alemães Pomeranos, pessoas que possuem maior dimensão de terra que os Quilombolas, além de algumas apropriações de terras indevidas. Apesar de não termos como comprovar juridicamente, acontece que passamos a vida inteira ouvindo histórias das pessoas mais velhas sobre a ocupação indevida dessas terras. Consequentemente, a maioria das nascentes de água do Quilombo estão situadas nas terras dos colonos.

Os espaços em comum, como escolas, igrejas e cemitérios, foram, durante muito tempo, separados entre alemães Pomeranos e negros Quilombolas. O cemitério é uma terra doada pelos meus avós e tios onde só eram sepultadas pessoas negras. Há pouco tempo, os Pomeranos passaram a sepultar seus parentes nesse lugar, mas os negros continuam sendo sepultados no cemitério do Quilombo, sem questionar a negação do

enterro aos seus nos cemitérios dos Pomeranos, nem a introdução dos Pomeranos em nosso cemitério.

Não diferente dos cemitérios, as igrejas também eram separadas entre Quilombolas e Pomeranos, a igreja que em princípio recebeu os negros foi a católica, mas nos sentávamos separados dos brancos por um longo período. Contudo, quando as igrejas evangélicas pentecostais adentraram a comunidade, com intuito de constituir um “rebanho”, se encontravam e reuniam nas casas das pessoas para rituais religiosos, dando a impressão de unidade e igualdade entre os povos. A partir daí, muitos Quilombolas se converteram, mas a segregação ainda é visível. A exemplo disso, trago o caso da igreja adventista que existe na comunidade e que acolhe negros. Estes visivelmente não conseguem viver de acordo com a doutrina que, pelo meu raso conhecimento, interfere inclusive na alimentação. Talvez seja por isso que após a conversão para o pentecostalismo, foi construído um templo para realização dos rituais, em terras Quilombolas, onde o pastor é um homem negro Quilombola

As escolas aceitaram há pouco tempo a presença de pessoas negras, ou as pessoas negras passaram há pouco ou nenhum tempo a entender que poderiam estar naquele recinto, bem como as festas, bailes e confraternizações. As manifestações culturais de origem afro-brasileira nesse lugar são sempre motivo de chacota, a não ser que sejam para divertir os Pomeranos e quase não existem. Segundo uma de minhas interlocutoras que será apresentada nas próximas linhas, a escola era um lugar segregador e de difícil acesso.

Não era fácil ir por colégio, também eu e o Vardinei só aprontava e chegava atrasado sempre, sempre. E o diretor já puxava os cabelo, puxava os cabelo e dava com aquelas régua d madeira nas mão. Nós chegava atrasado purquê ia brincando na estrada, era longe, nós era pequenininho, cansava, só tinha aqueles tamanco de madeira pra bota nos pé, era pesado. (Rosana Ferreira Soares, caderno de campo)

Se só as pessoas que cometiam infrações, como atrasos, indisciplinas e outros é provável que na maioria das vezes os castigos eram aplicados em pessoas negras quilombolas, por serem pessoas com dificuldades na pronúncia e escrita da língua portuguesa, o que nesse caso pela comunidade estar situada em local colonizada por alemães e pomeranos com direito de manter suas práticas culturais.

As pessoas mais velhas da família, descrevem um cenário incrível de segregação, onde os bailes eram separados entre negros e Pomeranos, mas sempre quem

proporcionava a alegria através da música eram os negros, tocando instrumentos e cantando para que os não negros dançassem. Porém, os negros eram proibidos de entrar nesses bailes se fosse para dançar.

Infelizmente, esse cenário não modificou muito, exceto que as pessoas negras já podem entrar nas festas e bailes, espaço comumente garantido a todos a partir da constituição de 1988. Contudo, ainda é possível perceber a discriminação e segregação nas manifestações culturais. Sobre isso, vejamos o que nos diz Patrícia Pinheiro:

Apesar da expressividade de grupos Quilombolas atualmente em todas as regiões do Brasil, incluindo o Rio Grande do sul, e seu reconhecimento estatal através de diferentes ações e políticas públicas, ainda permanecem situações de desvalorização diante das diferentes expressões do patrimônio cultural Quilombola (Patrícia Pinheiro *et al.*, 2019, p. 312).

Em São Lourenço do Sul, as manifestações culturais são sempre com temática alemã/pomerana e o papel das pessoas negras nesses eventos continua sendo cuidar da infraestrutura. Ou seja, são sempre eventos onde as mulheres negras trabalham nas cozinhas e copas, cozinhando e limpando, e os homens negros fazendo o trabalho pesado, de construção de barracas, confecção de churrasco e outros.

Nesse sentido, é importante a seguinte colocação:

A nação Brasileira se forjou sobre o mito da democracia racial, com processos violentos de branqueamento do país, esses processos continuam até hoje. A modernidade pensada de cima para baixo sustenta a exploração de outros povos em plena contemporaneidade (Anacleto Pires da Silva, 2020, p.19).

A autora nos ajuda a perceber questões fundamentais relacionadas à história e à sociedade brasileira, demonstrando que a ideia de "democracia racial" no Brasil é um mito que encobre desigualdades profundas. Não vivemos de forma alguma em uma nação onde a diversidade étnica e racial é celebrada. A noção de convivência harmoniosa entre diferentes grupos étnicos é completamente enganosa. Por isso, essa concepção de democracia racial é um mito, uma vez que o país tem uma história de desigualdade e discriminação racial. E é isso que nossa comunidade vive diariamente na relação com os Pomeranos no município.

## ***II.1 - O quilombo, as águas e os corpos-água***

Muitas são as lembranças e memórias com águas em suas diversas manifestações que me completam e me trazem até este corpo presente, da forma como consigo me enxergar nos dias de hoje. Para melhor ilustrar essa questão, apresento um conto de minha autoria (não publicado), que talvez seja a escrita que melhor retrate a relação das mulheres com a água e que inicia a elucidação sobre a ideia de corpo-território, corpo-água ou ainda água-território.

### **Era uma vez um arroio**

Era um arroio que descia lá de cima. Está vendo aquela coxilha lá em cima? Atrás daquela árvore ele nascia. De vez em quando chovia e aqui embaixo ele enchia, às vezes até passava por cima da ponte, mas dali não passava não chegava nas casas.

Do lado de lá tinha uma árvore grossa, comum a corda onde as crianças se penduravam para pular nos dias quentes, enquanto as mulheres lavavam e quaravam a roupa. Por entre os pés de bambu, que seguiam um corredor na beira do rio, tinha uns arbustinhos onde as roupas secavam, enquanto logo acima da ribanceira outras peças de roupa quaravam nuns capinzinhos altinhos.

Um pouquinho mais adiante, tinha a sanga, um lugar bonitinho, com água correndo baixinho. Ali, as crianças brincavam e podiam correr sem se afogar. Em volta, tinha as plantas que gostavam de água, elas cresciam e davam sombra para suportar dias muito quentes.

Nessa parte do arroio, era comum aparecer bichos maiores para se refrescar. Esse lugarzinho recebia visita de tamanduá, jacaré, tatu, cobras e muitos outros. Do início até o final da comunidade, o arroio se modificava e com ele as árvores ao redor, bichos que ali moravam, sons e cheiros que se sentia.

Um dia veio um homem da cidade. Ele era bonito e o perfume que usava tinha cheiro de gente rica. Estava em um carro branco com uns letreiros grandes. Falou bonito e perguntou o que a gente plantava. A gente disse que ali se plantava para comer, batata, milho, para nós e para os bichos, um pouquinho de feijão, fruta e umas verdurinhas.

O homem bonito disse que essas coisas a gente podia comprar na venda que ia custar mais barato e quem sabe se a gente plantasse fumo, que ele trazia as sementes, e tudo que a gente precisava ia um pouquinho agrotóxico, mas que não fazia mal para ninguém, ele garantia o bom lucro e a vida boa.

O tititi entre a vizinhança se alastrou. Todos queriam passar bem. Com esse dinheirinho a mais, todos iam poder ir para a cidade, comprar belas roupas e calçados para a festa da igreja e talvez comprar carro, cerveja. É, a vida ia

ser boa!

O que o moço bonito – do carro bonito e do perfume de gente rica – esqueceu de dizer foi que precisava um pedaço grande de terra plana para plantar o fumo. E isso a gente não tinha. Foi aí que começamos a cortar tudo que não precisava. Na volta do rio, era o lugar que mais tinha árvore desnecessária e se a gente tirasse ia aumentar as terras. Foi assim que deixamos o rio limpinho na volta.

Quando o homem voltou para trazer as sementes, mediu a terra daqui, fez conta difícil de lá e disse que aquele tanto de terra não dava para plantar o tal de fumo, porque era pouco espaço. Disse que não era por ele, se fosse deixava as mudas e os insumos, o problema era que ele seguia regras e a empresa que ele trabalhava tinha regras. Disse então que talvez a gente pudesse trabalhar nos vizinhos que tinham mais terras. Eles iam precisar de ajuda. Nós não íamos ganhar tanto quanto eles, mas era melhor que nada. Os vizinhos mais adiante eram pomeranos que tinham terras a perder de vista e a terra deles era boa.

Nos desiludimos um pouco, mas seguimos trabalhando com nossos vizinhos durante o período de plantio e colheita. Passado esse tempo, chegou o inverno e, com ele, os longos períodos de chuva. Foi um inverno difícil, agora as árvores não balançam e os bichos que ali viviam tinham ido embora e não avisavam quando a chuva ia chegar ou ir embora. Os bambus não cantarolavam seu sonzinho bom para dormir nas noites frias e ventosas de inverno.

E o arroio já não respeitava limites, passava por cima da ponte, entrava no galinheiro, nas cocheiras e chegava pertinho das casas. Depois que a chuva ia embora deixava grandes buracos, as crianças escorregavam e caíam direto dentro da água que já tinha uma cor amarelada e um cheiro diferente. No verão, as crianças começaram a se coçar e vomitar, as roupas não limpavam nem com o mais ardente sol e o médico do posto proibiu de beber aquela água, porque achava que era isso que adoecia as crianças.

Aconteceu então que chorávamos a saudade do nosso arroio, aquele de antigamente. Será que um dia aparece um homem bonito da cidade para dizer que podemos voltar a sentir aqueles cheiros, sons e sentimentos?

Como vimos, a história narra a imagem de um Quilombo rodeado de água, a relação das mulheres com a água nesse lugar, antes da chegada da monocultura. E relata também, mesmo que nas entrelinhas, que a comunidade é a única do município que divide o espaço com os colonos Pomeranos e alemães assentados no interior de São Lourenço do Sul. Considerando a relação que esse outro povo possui com a terra, em contraste aos modos de vida quilombola, é interessante levar em consideração que:

Os efeitos a longo prazo dessas relações patriarcais ligadas ao que o capitalismo expressa atualmente nas formas de constituição de novas maneiras e plantio e consumo influenciam nos modos de vida, como no caso da substituição de cultivos familiares por

monocultivos, em uma tendência a uniformidade da produção em tentativas de controle e homogeneização da natureza na tão propagada Revolução Verde e mais recentemente, nas investidas da área da biotecnologia (Patrícia PINHEIRO *et al.* 2019, p. 315).

A área retratada no conto é abaixo, ou seja, a geografia desse lugar é como se fosse um vale, onde todas as águas descritas desaguam, assim como tudo o que vem se incorporando nelas durante o percurso que realizam. Conseqüentemente, com o fortalecimento da monocultura nos territórios, se torna impossível que os agrotóxicos não se incorporem nas águas.

Sempre tive a certeza de que são as mulheres quem mais permanecem e resistem no território Quilombola, mantendo os costumes e tradições herdados. Essa convicção me vem de vivência mesmo. Entendendo que em minha comunidade, apesar de ser normal o trânsito das mulheres que saem para trabalhar nos municípios vizinhos, pelo menos uma de cada família sempre fica em casa cuidando do território. Porém, essas mulheres que experienciam a vida fora da comunidade, onde a água jorra das torneiras e a vida é entendida como mais fácil e moderna, quase sempre retornam para o Quilombo. E talvez tenham um sistema de revezamento de tempo dentro e fora do território, mas isso se dá de forma quase imperceptível para quem é da própria comunidade. Passam um tempo fora e daqui a pouco voltam. Nesse meio-tempo, outra mulher sai. Me parece uma dança das cadeiras onde cada uma delas ocupa um pouco o trono, naturalmente, sem eleições ou assembleias para decidir quem vai ou fica, mas sim um sentir que está na hora de partir ou permanecer.

Mesmo sem consciência disso, essas mulheres têm demonstram a certeza da importância de sua permanência no território e da necessidade da luta coletiva para manter nosso território vivo. Segundo Lorena Cabnal (2010, p.12), “fala-se em território-corpo e território-terra justamente por serem elementares em sua junção. Um fortalece o outro e sua busca por autonomia”. Nesse mesmo sentido, a fala de Patrícia Pinheiro é também importante para compreendermos a situação:

Por isso a defesa do corpo/terra não está separada da defesa do território, pois é nele que se constituem as relações e, conseqüentemente, defender o território é defender modos de vida singulares e a violência contra recursos naturais é também uma forma de violência contra as mulheres (PINHEIRO *et al.*, 2019, p. 311).

Ao estabelecer uma ligação entre a defesa do corpo humano e a proteção da terra, como algo indissociável, temos a ideia de que a saúde e o bem-estar das pessoas estão profundamente ligados ao meio-ambiente em que vivem. Desse modo, as autoras ressaltam que a proteção do território é, ao mesmo tempo, a proteção das culturas, modos de vida e até mesmo dos direitos das mulheres que estão conectadas a esse território.

Neste capítulo etnográfico, trago essas e outras reflexões ao longo das discussões e observações com as mulheres do território Quilombola Coxilha Negra. Espero que seja um trajeto saudável, parte do processo necessário de vida através do fluxo constante da água e principalmente da completude ao se tratar de corpo-água território. Para discutir a relação das mulheres Quilombolas do território Coxilha Negra, a quem aqui intitulo “Guardiãs das águas” desse território, com essas águas que descrevo durante a dissertação, trago três mulheres que vos apresento a seguir, bem como a forma de abordagem para pesquisa e entrevista direta. Antes disso, porém, resta apenas registrar que “ser guardiã demonstra a preocupação com a biodiversidade em escala mundial (...) onde a conservação da biodiversidade local aparece como categoria conservacionista, com uma específica significação para aquilo que é considerado para elas sagrado” (Patrícia PINHEIRO *et al.*, 2019, p. 315-316).

**Dona Érica**, conhecida na comunidade como tia Erca, tem 75 anos e é muito conhecida e querida na comunidade coxilha negra. Cheguei na casa da interlocutora sem prévio aviso. Tia Erca é pouco entrevistada para trabalhos acadêmicos, sabe-se lá por que. Penso que seja por ela não ser uma pessoa negra de pele retinta. Eu particularmente acredito que ela seja parte da história do nosso Quilombo. Nesse dia, a mulher estava acompanhada de uma das netas que estava almoçando. Ela, sentada na mesa, assistia à televisão. Era quase meio-dia, o fogo no fogão à lenha estava aceso e ela aguardava o outro neto que mora com ela chegar da escola para almoçar. Contei a ela sobre minha pesquisa e pedi autorização para entrevistá-la. Ela prontamente aceitou. Pedi que me contasse sobre sua vida e trajetória naquele lugar. Érica contou que nasceu em uma localidade chamada Faxinal. É uma localidade próxima da Coxilha Negra, também no interior de São Lourenço do sul, onde morou durante cinco anos de sua vida. Justo com cinco anos de idade foi morar com seus pais no Quilombo Coxilha Negra e só saiu de lá por um curto período para aventurar com o seu marido, Dário Rodrigues com quem casou aos 19 anos e teve seus filhos. Então, foi nesse lugar, no Coxilha Negra, que a mulher pariu doze filhos e criou dez, já que dois faleceram pequenos não vingaram. Ela conta que



teve todos em casa, de parto normal com o auxílio de uma vizinha chamada Alaíde e do próprio marido.

Érica Petry. Foto: Carina Santana Ferreira)

Minha segunda interlocutora foi **Elizete**, uma mulher negra retinta, de 36 anos, moradora da nossa comunidade Quilombola há dezesseis anos, antes vivia na comunidade vizinha, o Boqueirão, que é uma comunidade Quilombola em processo de certificação. Elizete se casou com o filho da tia Érica com quem foi morar na Coxilha Negra em terras de um colono Pomerano. O patrão doou um pedaço de terra com uma casinha em cima para eles morarem e trabalharem no local, na cultura do fumo. Elizete teve o primeiro filho e foi feliz por um período com o marido. Mas um dia o marido foi embora. Elizete então se enamorou pelo sobrinho do marido. Eles se casaram e tiveram mais três filhos. O filho mais velho da mulher mora com a avó, bem pertinho de sua casa. Elizete diz que gosta de morar no território e não pensa em sair do local. Também não tem vontade de estudar. Contou que gosta muito da vida que leva agora que acessa as políticas públicas como bolsa-família e outras implementadas pelo governo para tentar equiparar as desigualdades no Brasil.



Elizete Soares Foto: Carina Santana Ferreira

Minha próxima interlocutora foi uma pessoa escolhida por significar resistência na prática. É uma mulher que eu admiro muito, mesmo sem ter tanta intimidade. Ela se chama **Rosana**, mulher negra, não é muito preta, porém os traços negros são visíveis, no quilombo denominamos essas pessoas de 'sarará'. Rosana é uma mulher tida como aquela que se faz de louca, é intrigante e gosta de aparecer. O fato que eu admiro muito nela é por ser uma mulher que quando foi surpreendida por uma doença neurológica decidiu viver e permanecer viva – viva no sentido de vivenciar a vida, de viver todos os sentimentos, bons, ruins, diferentes e não tão diferentes assim. Afinal, quem define quais sentimentos são bons ou ruins?

Acho Rosana um nome lindo, nome de pessoas fortes. Rosana pode ser derivado de rosa ou a junção de rosa com Ana. Sempre acho que Ana era o nome de alguma mulher muito importante na comunidade Quilombola, pois muitas mulheres se chamam Ana.

Minha intervenção com Rosana foi diferente do que com as outras mulheres, já que ela passeia muito. Tive que marcar a data antes e devido à doença que afetou seu cérebro, um aneurisma cerebral, que comprometeu seus movimentos e memória, as coisas precisam ser muito bem explicadas e combinadas. Alguns dias antes da entrevista já tinha

perguntado se ela queria me dar entrevista. Ela me disse que talvez, brincou que eu precisava pagar. Então ficou mais ou menos combinado que ela me daria entrevista. Eu sabia que precisava contar com a sorte de ela estar em casa e disposta a conversar nesse



dia. Não tive sorte, ela não estava em casa, tinha ido passear sem data para voltar. A mulher realmente gostava de passear, visitar amigas de diferentes lugares.

Ro99sana Ferreira Soares. Foto: Carina Santana Ferreira.

Marcamos a conversa para um dia futuro a combinação foi que o dia que eu passasse e ela estivesse em casa, poderia me dar a entrevista, e assim foi. Uma tarde de sol, decidi ir visitar Rosana. Rosana é uma mulher de idade que prefere manter em sigilo. Acho engraçado, porém respeito. Ela mora em uma das primeiras casas da comunidade, divide a terra com irmãos e pai. Ao todo são três casas. Em uma mora o pai de Rosana, que é nosso mais velho do Quilombo, seu Vilson, que completou a pouco 99 anos e sua irmã mais jovem. A outra casa está inacabada e é de um dos irmãos. E a última casa é de Rosana que mora com sua filha.

Esse lugar é lugar de passagem e chegada de quase todas as pessoas que passam pela estrada que atravessa a comunidade Quilombola Coxilha Negra. Por isso, quando cheguei na casa dela, todos os moradores se chegaram e eu achei melhor pedir que a conversa com Rosana fosse particular. Achei que, se tivesse mais gente, as respostas que eu procurava pudessem ficar incompletas ou sem resposta. Rosana e eu nos sentamos afastadas do povo. Lembrei que sua irmã pediu que eu explicasse com detalhes o que eu estava fazendo lá, pois Rosana costumava aceitar as propostas e depois questionar a ela o porquê das pesquisas. A irmã me disse: “tu explica bem pra Neca o que tu tá fazendo, depois ela fica incomodando aí” (Neca é o apelido de Rosana). As duas não se desgrudam e estão sempre brigando. A irmã mais jovem foi a principal educadora da filha de Rosana

que decidiu trabalhar na capital do Rio Grande do Sul, para sustentar sua filha, a mulher ficou viúva muito cedo e todas as responsabilidades financeiras lhe caíram sobre os ombros.

Sentamo-nos um pouco afastadas da turma e eu expliquei a ela sobre a minha pesquisa. Ela de pronto aceitou e disse que gostava de conversar com as pessoas. Pedi que ela me contasse um pouco dela e ela espontaneamente começou a contar de sua vida, a todo momento com dúvidas de como deveriam ser as respostas e com muitas falhas de memória. Essa experiência foi nova e desafiadora para mim. Como a maioria das pessoas, eu precisei exercitar muito a paciência, já que os lapsos de memória de Neca eram muito frequentes.

Rosana começou contando que nasceu em uma cidade vizinha chamada Canguçu e que chegou no território com cinco anos. Canguçu faz divisa com São Lourenço e, coincidentemente ou não, é a cidade da região que possui o maior número de Quilombos. Canguçu possui dezesseis Quilombos organizados e eles têm até uma secretaria na prefeitura e nas eleições municipais de 2024 foi eleita a primeira vereadora quilombola no município. Ela comentou que achava engraçado lembrar perfeitamente do dia em que chegou. Então, conta sobre suas primeiras lembranças em São Lourenço:

Me alembro bem direitinho, quando chegamo não tinha essa estrada aqui, nem facha, nem nada, era só uma estradinha. Aí o pai mandou eu buscá vela na venda de noite. Eu fui bem pequetitinha, como era naquele tempo, né? Mandava a gente bem pequena nos lugares, e a gente ia...

Perguntei se ela lembrava como tinham ido parar aqui, o porquê de saírem de Canguçu e virem parar em São Lourenço. Ela me disse que não se lembra, só sabe que “um hôme foi buscá o pai pra trabaiá, o pai e a mãe trabaiava lá, eu cuidava das criança. De lá nós viemo morá nessa casa aqui, o resto eu não me lembro”.

## ***II.II - Águas que curam***

Águas que muitas vezes são usadas para cura agora já não possuem as mesmas propriedades. A lembrança mais nítida de cura que tenho sobre as águas desse lugar é quando minha mãe conta sobre a chegada da febre amarela no Quilombo e a debandada

das pessoas do território, ela conta o seguinte:

Todo mundo quis saí de lá, o pai não. Também aonde que ia ir, um monte de filho. Então ficô. Muita gente morreu naquela época, os alemão botava fora tudo, a mãe como tinha um monte de filho pegava as coberta, claro as dele era melhor que as nossa, bem quentinha e dexava lá no arroio, amarrava e dexava a água corre por dias, depois secava e nós se tapava bem quentinho no inverno, nunca ninguém pego nada dessa doença (Izaura Santana Ferreira).

Percebo aí que o processo de cura através da água na época era de limpeza dos males causados pelas doenças e até mesmo erradicação. Arrisco a dizer até que esse “tratamento” pudesse funcionar como uma vacina, porque uma vez banhado nessas águas a doença não voltava mais. Novamente, torna-se relevante a colocação de Pinheiro a respeito das práticas de cuidado entre si e com a terra das mulheres Quilombolas:

Por meio de práticas de cuidado entre si e com a terra, essas mulheres defendem sua liberação, mantendo a prática de cura, produção e alimentação a partir de conhecimentos adquiridos na experimentação, conservando participativamente a biodiversidade e como guardiãs de saberes e práticas associadas (Patrícia PINHEIRO *et al.*, 2019, p. 319).

Das três mulheres que entrevistei, quis saber um pouco da relação delas com o cuidado e a cura, especialmente como elas percebiam as relações do cuidado e da cura com as águas. Essas mulheres trouxeram em sua simplicidade relatos no mínimo curiosos, de acordo com aquilo que trazia minha imaginação e o que realmente é nessas visões Quilombolas femininas.

Dona Érica, a entrevistada mais velha, quando questionada sobre cuidado e cura traz junto o quesito machismo, mesmo que talvez inconsciente. Questiono sobre medicações e ela responde:

Eu era home e muié, tudo junto, não tinha dinheiro pra comprá remédio. Meu marido, aquele não era da pegada, gastava mais do que ganhava. Gostava só de tá com o violão e gaita embaxo do braço, tocando por aí. Gastava mais que ganhava. Meus fio tomava xarope, chá, as veis comprava AS infantil. Meus fio sempre tivero muita saúde. (Érica Petri, caderno de campo)

Nesse relato, pude perceber que as medicações oferecidas para os filhos de Érica no processo de cura tinham como base a água, sendo o remédio vendido em farmácia,

uma opção em segundo plano. Muitas ervas são usadas para curar ou amenizar dores, e a cada encontro as receitas são trocadas, como o lugar é rodeado de floresta é comum as mulheres estar conversando e daqui a pouco dizer, que tal planta é bom para determinada doença. Á pouco tempo fui visitar os túmulos de meus avós com meus pais e na saída do cemitério minha mãe me deu mais de cinco exemplos de chá e suas propriedades medicinais, é uma troca constante, bem como a preservação da cultura.

À segunda entrevistada, Elizete, uma mulher bem mais jovem que a senhora Érica, também perguntei dos processos de cuidado, cura e tratamento de doenças. Ela me respondeu que seus filhos iam no médico “só quando tem necessidade, no caso de vacina mesmo, a gente sabe que é importante, né? Ou pesage de bolsa-família, essas coisa...Senão eu do chá, e eles logo se cura”. Pergunto com quem aprendeu a feitura do chá, ela diz:

Com a mãe, ela sabe bastante coisa de chá, é bem inteligente pra idade dela. A mãe dela tem mais de setenta ano e caminha longe, não tem preguiça pra nada. Se tiver que vim da casa dela a pé até aqui ela vem, é bem disposta mesmo. (Elizete Soares, Caderno de campo).



Maria Santana e Izaura Santana Ferreira trocando informações medicinais sobre plantas. Foto de Carina Santana Ferreira.



Maria Santana, mulher quilombola do Coxilha Negra Com uma planta. Foto de Carina Santana Ferreira

Conforme nos dizem Patrícia Pinheiro e colegas (2019, p. 319), podemos concluir que “as práticas e memórias sobre cura e alimentação são também referências que influenciam ações coletivas e fortalecem os territórios”. Talvez isso queira dizer que esses cuidados, curas, feitiços, feituas, receitas sejam repassadas entre mulheres, guardadas entre mulheres, por algum motivo específico. Talvez as mulheres guardem, cuidem e cultivem as ervas para o feitiço dessas receitas, nesses territórios, considerando que o armazenamento dessas culturas de plantas deve ser feito de diferentes formas, já que as existem épocas para colheita das diferentes culturas utilizadas nas medicações. “Por isso a necessidade de uma prática transgressora, criadora e transformadora-mesmo que nem sempre isso se dê de modo explícito” (Patrícia PINHEIRO *et al.*, 2019, p. 319).

Percebe-se nas falas das mulheres de diferentes gerações que mesmo que o acesso à consulta médica tenha ficado mais fácil, ainda assim a preferência é por medicação tradicional. Desse modo, os cuidados perpassam gerações e são passados entre mulheres.

### **II.III - O Sagrado**

Na quase certeza de que o sagrado está entrelaçado à vida, procuro entender através das conversas e observações com e dessas mulheres sobre algo que também significasse cuidado, mas que não dependesse de ninguém além delas, o sagrado. Para minha surpresa, dona Érica revela algo que eu realmente não esperava, mas que pode significar o início de tudo. Lembrando que a pesquisa busca evidenciar como as mulheres Quilombolas guardam as águas em seus territórios, meus questionamentos são sempre relacionados às águas e mulheres, então fui direcionando a conversa para esse lado.

Aproveito para perguntar como eram feitos os partos em casa, já que na minha família não se fala nesse processo nunca, nem que se pergunta. Érica conta que quando sentia a primeira dor ela já se organizava para receber a criança. Pergunto então sobre a água utilizada no parto e ela me responde que a água fica sempre quente no fogo, já que uma de suas primeiras ações diárias é a feitura do fogo no fogão a lenha.

Quero saber mais sobre o parto: será que no nascimento das crianças Quilombolas estaria uma das respostas para minha pesquisa? Peço para que tia Érica conte com detalhes sobre o parto, como era possível, uma mulher ter doze filhos praticamente sozinha?

Ela contou que separava tesoura, panos limpos, água morna e a roupa que a

criança iria vestir. A tesoura e desinfetada com álcool ou fogo, as vezes não tinha álcool. Todos esses itens ficavam ao lado da cama até que fosse chegada a hora da criança nascer. Nesse momento ela se lembrou de um ensinamento que ela deveria passar para o maior numero de mulheres antes de falecer, era um feitiço para ter a criança rápido e sem sofrimento: “agarra três ou seis ou nove folhas de lima e cozinha com o primeiro ovo que a galinha bota, ferve junto e o nenê nasce na primeira ou segunda dor” (Érica). Vejamos como o chá contendo água, uma vida em fecundação no ovo e a folha da árvore tudo está conectado à natureza da vida e ao território.

Tia Érica me conta ainda que um dia deu o chá para uma vizinha que decidiu ter o bebê no hospital: “a mulher só chegou no hospital e não deu tempo de nada, só chegou e pariu. Eu disse prela, porque tu foi bobear lá, esse chá é tiro e queda”. Entendi que após a ingestão do chá as mulheres dão à luz rápido como uma galinha. Ela continua: “A falecida Alaides e o meu marido como se diz só cortava o umbigo e eu fazia o resto sozinha”. Além disso, conta que sobre uma parteira que até amarrava a barriga em cima para a pessoa ganhar mais rápido, mas diz que não concordava com aquilo. Ela preferia ganhar meus filhos sozinha. Nesse momento, entendi um pouco sobre aos partos da comunidade Quilombola, algo tão rodeado de segredos na verdade não possuía segredo nenhum, as mulheres tinham seus filhos praticamente sozinhas.

O sagrado tem compatibilidade com algum ser superior, invisível. Nesse caso acredito no ancestral, aquele que vem antes e deixa os ensinamentos para alguém que vai seguir cultuando, consagrando, cuidando para que não se percam os saberes. Um grande exemplo é a benzedura, um ritual de fé com artefatos da natureza, seja algo sagrado para as mulheres Quilombolas, que mesmo com a inserção das igrejas evangélicas nas comunidades, seguem benzendo.

A benzedura é outro ato rodeado de muitos segredos. As pessoas não falam muito mesmo que questionadas sobre o tema. A interlocutora Elizete, quando questionada sobre benzedura, pensa um pouco e me oferece uma resposta sucinta. Pergunto a ela: “tu sabe benzer?” Ela responde rapidamente: “alguma coisinha, quando me aperto e tô sozinha, não tem pra onde corre, aí eu benzo”. Já Rosana desconversa quando pergunto da benzedura e diz “isso aí a mãe fazia, benzia as pessoa que chegava aqui, qualquer hora. A mãe era uma pessoa muito boa, todo mundo gostava dela”.

Pergunto então a tia Érica sobre benzedura. Quero saber como, quando e através de quem a benzedura chegou em sua vida, já que ela é reconhecida como a benzedeira oficial da comunidade Coxilha Negra. Nesse caso, ao contrário das outras mulheres, talvez

a resposta fosse mais completa. Érica diz acreditar em Deus e benzer, diz que benze para tudo e para todas as pessoas. Pergunto como aprendeu o ofício de benzedeira, ela conta que aprendeu um pouco com o pai, com o tio e outro pouco por conta própria, com os padres com os pastores e, por fim, alega que para ela a melhor coisa que tem é a benzedura.

Esse último relato me intriga muito, a resposta que buscava era outra, como as mulheres passam todos os saberes umas para as outras e Érica não menciona nenhuma em seu aprendizado com a benzedura. A impressão que tive foi que a senhora mascarou as pessoas que lhe repassaram os ensinamentos como estratégia de resistência, uma vez que os segredos e a preservação das figuras femininas no que tange saberes em relação à cura, que está relacionado a homens cis héteros, brancos e religiosos e na figura da mulher está relacionado a bruxas, maldições e diabruras. Retomo esse assunto no capítulo 3.

#### ***II.IV - Cuidado com as águas, herança ancestral***

Por ser uma mulher que aos meus olhos não é negra, pergunto a dona Érica se ela se considera mesmo Quilombola. Ela responde que sim e que tem muito orgulho disso e dos filhos que são negros. Afirma que não tem lugar melhor para morar do que no Quilombo, onde reside há setenta anos. Peço então para ver a cacimba e no caminho pergunto se ela tem horta e planta. Ela conta que depois da descoberta do glaucoma não tem como cuidar da horta, porque enxerga pouco e na claridade menos ainda. A doença está controlada mas a limita muito.

A casa dela é rodeada da casa dos filhos, são ao todo quatro casas, e a cacimba distribui água para todas as casas. Fomos vagarosamente até a cacimba que fica pertinho da casa dela, porque era perto do meio-dia e a claridade afeta a curta visão da mulher. Chegamos e ela me contou que a cacimba sempre foi ali e que a água sempre teve em abundancia, só que começou “a pocar”, ela não sabe por que, talvez seja por ter bastante gente usando.

Já à interlocutora Elizete pergunto se ela, enquanto mulher Quilombola, achava que as mulheres cuidavam mais da água do que os homens. Ela me respondeu que sim e que para ela tem muito a ver com cuidar de tudo, principalmente maternar. “Como criar um filho sem água?”, ela exclama. Precisa desde o dia que nasce para banhar, oferecer um chazinho quentinho, sem contar que se precisa de água para tudo. Então não tem como

criar filhos sem água. Disse que está sempre poupando e precisando preservar a água, para ter sempre. Por isso, não se permite derramar água fora e nem deixa seus guris esbanjar, porque se depois não tiver água quem vai sofrer as consequências será ela que é mulher.

Com Rosana, quando emendei na conversa sobre a água, pra mim era o que interessava naquele momento. Perguntei sobre as fontes e a distribuição da água, a mulher me surpreendeu com uma história muito interessante. Contou que, quando foram morar naquele lugar, a casa, agora denominada por ela de casa velha, já existia, mas que uma parede estava condenada, corria o risco de cair. Então toda vez que o tempo se armava pra chuva o pai dizia “tu fica com os pequeno e quando a chuva tivé bem pertinho tu pega eles e vai pra venda”. Rosana emenda: “o pai tinha medo da parede caí, aí ante da primera gota de chuva, eu saia de carrerinha cos pequeno, lá nois ficava dimpé encostadinho na parede, loco pra comê bala e as coisa boa que tinha lá”. Perguntei se o dono da venda não se importava de eles ficarem lá, se não oferecia um banco pra sentar ou algo do tipo. Ela disse que não, eles ficavam um ao lado do outro escorados na parede. Achava que o dono do comercio pensava que já fazia muito em recebê-los nos dias chuvosos. De certo o pai tinha combinado com ele. Perguntei da parede, ela respondeu “tu viu como os antigo sabia das coisa, um dia choveu e a parede caiu”.

A partir daí penso várias coisas sobre o cair da água que é a chuva. Rosana ficava responsável por proteger os irmãos dos perigos. Isso inclui observar desde muito pequena o transformar do tempo: como uma menina sabia o exato momento que ia começar a chover? Pelo o que entendi ir muito antes para o estabelecimento comercial onde se abrigaria com seus irmãos causaria incomodo ao proprietário. Pensando nisso, concluo que mesmo que a chuva seja um fenômeno natural ainda assim é água, e como dito antes talvez as mulheres Quilombolas consigam se conectar com a água em todas as suas formas facilmente. Geralmente para as pessoas do campo, florestas e águas, os ditos povos tradicionais, a chuva é uma das manifestações mais sagradas de água. Seriam as mulheres Quilombolas sagradas mulheres-águas?

Perguntei à Rosana sobre os aprendizados com sua mãe sobre a água. Ela disse que sua mãe ensinou a manter tudo bem limpinho, pedi então para visitar as fontes de água. Já sabia que eles eram as pessoas que mais tinham sido prejudicadas com a escassez da água e foi por isso inclusive que iniciei minha pesquisa. Nas terras da família de Rosana passa agora a RS 265, que é uma rodovia brasileira do estado do Rio Grande do Sul. Ela liga as cidades de Pinheiro Machado e São Lourenço do Sul, a junção da BR-

293 e RS-608 para a Lagoa dos Patos. Sobre esse modelo de desenvolvimento que não leva em conta muitas vezes o impacto nas comunidades, Maysa Luana SILVA 2020, p. 142) afirma: “A chegada de grandes empreendimentos dentro do território Quilombola ao impactar a natureza, interfere drasticamente no modo de viver das pessoas desse lugar”.

Seguimos para a visita das cacimbas. Até então duas estavam secas e uma quase seca. Primeiro Rosana me mostrou uma cacimba que em tese deveria verter água, mas por motivo desconhecido a água só vai até menos da metade da altura e não verte mais. Eles não entendem o fenômeno. Depois Rosana me mostrou a primeira cacimba que tiveram. Observei umas pedras em forma de córrego. Perguntei o que era aquilo e ela me respondeu: “aqui era uma sanga, a mãe lavava ropa e nós ia correndo estendê lá em cima”. As expressões em cima e embaixo são muito comuns nesse território por ser rodeado de coxilhas, onde as nascentes de água, ao menos as que conheço, ficam situadas na parte de baixo das coxilhas, baixo as pedras.

Bem ao lado das duas cacimbas, tinha uma terceira que estava tampada. Essa foi desativada por motivo de força maior. Rosana contou que tinha um bicho lá dentro, não sabem como foi parar lá. Era um boi, estava morto. Então tiveram que desativar. Taparam o bicho com terra e desativaram a cacimba. Na minha cabeça a história não fez muito sentido. Se era uma nascente com bicho ou sem bicho a água deveria continuar vertendo. Talvez tenha parado de verter por conta da escassez, mas não por causa do bicho morto. Achei engraçado.

Seguimos a visita. Dessa vez deixei o pessoal acompanhar. Alguns foram, mas outros, ainda ofendidos de não poderem participar da conversa, permaneceram “prosiando” e tomando mate. A vista às nascentes que agora não vertem mais foi muito interessante. Rosana lembrou de muitas coisas vividas ali, como os banhos refrescantes no verão, enquanto a mãe esfregava a roupa, as flores e frutos que havia ali, entre outras memórias. A todo o momento ela perguntava se a gente conhecia essa ou aquela cultura de planta. Perguntei se ela lembrava de quando a água acabou, ela respondeu: “as veiz eu não me alembro das coisas, não sei, não sei”.

Voltamos para as casas. Lá eu perguntei para seu Wilson sobre o bicho morto na cacimba. A irmã da Rosana queria matar ela eu acho. A irmã disse: “dexa de se mintirosa e aparicida, nem tinha bicho lá nenhum”. Mas a impressão que eu tive nesse momento foi de que a mulher ficou tapada de vergonha da mulher ter contado a história que deveria ser um segredo da família.

Foram nessas conversas simples descritas até aqui, que me incluem enquanto

corpo-território do Quilombo Coxilha Negra que percebi que essas mulheres tinham muito mais para contribuir com minha pesquisa do que eu poderia imaginar, são elas mulheres que guardam as águas, mas também corpos território, que mantêm o quilombo vivo, o que estará descrito no capítulo três onde irei discutir e aprofundar a discussão sobre corpo, raça, quilombo e água.

### III - Confluências e divergências: duas mulheres-água do Quilombo Coxilha Negra

O quilombo é o espaço que nosso povo encontrou para viver em liberdade e segurança, livre para praticar nossa cultura e viver em comunidade. Segundo Abdias do Nascimento, "Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial" (Abdias NASCIMENTO, 1980, p. 263). Abdias Nascimento também traz a discussão sobre aquilombamento, que é a ação que torna o quilombo possível. O processo de aquilombamento cria pessoas envoltas pelo pensamento de segurança, resistência e liberdade. Raquel Barreto, autora que escreveu a introdução do livro *De Quilombola à Intelectual*, interpreta de maneira precisa o entendimento de Beatriz Nascimento, discutindo o quilombo na contemporaneidade:

O quilombo hoje é uma metáfora, um verbo, um imperativo, uma tradição. Uma forma de estar no mundo pautada pela junção de saberes do corpo, do intelecto e da alma. O quilombo hoje habita em nós. Não como um território externo a ser alcançado, como no período da escravidão, mas como uma episteme negra, elaborada a partir do acúmulo de experimentações passadas que construíram um repertório de resistência, tradições, valores sociais, culturais e políticos. Dentro de cada aquilombado está o imperativo de reinterpretar a tradição e segui-la (Raquel BARRETO, 2018, p. 37).

O quilombo entendido como um imperativo expresso por uma tradição, me provoca a refletir sobre a força das mulheres quilombola, cujo estar no mundo perpassa o tempo e a ancestralidade se apresenta categórica em jovens mulheres. Seus saberes corporais envolvem seu intelecto, pois suas almas carregam a ancestralidade da luta na alma quilombola.

No Coxilha Negra muitas famílias são interracialis, evento curioso que, segundo as mulheres mais velhas do local, se tornou normal há pouquíssimo tempo. Minha mãe conta que meu tio roubou minha tia de casa, ele homem negro e ela mulher branca de origem alemã.

Quando o Darci trouxe a Marlene ele ficou sentado lá em cima na cuxilha, ele tinha medo do pai né? O pai não importava se o camarada era novo ou velho, todo mundo respeitava, aí ele troxe a Marlene e depois teve que enfrenta, não sabia o que ia fazer com ela, a família dela não aceitava ele, porque era nego, sabe como que é, os alemão não aceitavo nego de jeito nenhum. Eles ficaro na coxilha até o pai chega da lavora, aí o pai mando ele

leva a Marlene pra casa e disse que se ele gostava dela então era pra ele cuida (Izaura Santana Ferreira, Caderno de campo).

Esse trechinho é uma das inúmeras histórias contadas por minha mãe, muitas vezes no processo de ensinar a viver a vida, de que como é o lugar onde vivemos, o porquê nem sempre as pessoas que habitam são negras.

Em dos seus primeiros escritos Beatriz defendia a ideia de quilombo como um sistema social alternativo ao modelo vigente com raízes na África na experiência Banto. Foi transportado para a América um tipo de vida que era africano “mas que comportou no Brasil indígenas por exemplo. E como hipótese sustentou a existência de um *continuum* histórico na ocupação de algumas áreas, que no período colonial foram quilombos, porém no período posterior a abolição tornaram-se favelas ou comunidades rurais negras. (NASCIMENTO, Maria Beatriz. 2018, p. 33)

Duas mulheres quilombolas envolvidas em relacionamentos interraciais protagonizam este capítulo, uma mais velha, Hortência, ancestral conhecida, e uma mais jovem, Cenira, liderança e referência atual.



Foto do acervo da família. Cenira, trabalhando na Horta .

“O quilombo habita em nós”. Em nós mulheres cuja episteme negra se territorializa, nas quais os saberes acumulados se perpetuam, criam um repositório de resistências, de tradições mantidas por valores sociais ensinados de mães para filhos e filhas. Envolvem a cultura do ente quilombola. Com essa perspectiva apresento a interpretação do aquilombamento, imperativo de tradição. Cenira me alimenta com essa sabedoria e assim

observo o foco desse trabalho. Me ajuda a olhar para as mulheres de antes e me traz a imagem de uma antiga moradora do Quilombo, Hortência, que abaixo apresento, a partir das lembranças de sua passagem pelo território.

### **III.1 - Hortência, a 'brasileira' quilombola**

O início da compreensão sobre este território-água está nas ideias guardadas pelas mulheres. Reforço que, apesar das representações de quilombos como lugares de “escravos fugidos”, o quilombo sempre foi e continua sendo um lugar onde as pessoas escolhem viver por se sentirem pertencentes ao todo. Há presença de pessoas não negras nos espaços quilombolas, mas que se envolvem na perpetuação do aquilombamento (Eliane Silvia COSTA, 2012, p. 206-208), por compartilhar experiências de opressão e apagamento. Nesse sentido, podemos ser pessoas de diferentes cores, tal como indicado pela autora Bárbara Oliveira, unidas com laços que transcendem o parentesco e se fortalecem diariamente.

Essa perspectiva de pertencimento, que baliza os laços identitários nas comunidades e entre elas, parte de princípios que transcendem a consangüinidade e o parentesco, e vinculam-se a idéias tecidas sobre valores, costumes e lutas comuns, além da identidade fundada nas experiências compartilhadas de discriminação (Bárbara Oliveira SOUZA, 2008, p.78).

A pesquisa é focada em mulheres e minha primeira busca foi identificar quem teria sido a mais antiga mulher quilombola que a maioria das pessoas do Coxilha Negra lembra. E a memória quilombola me trouxe uma mulher de pele clara e cabelos lisos, Hortência. Infelizmente ela já faleceu. Apresento essa pessoa através da memória. Trago as lembranças a partir de uma de nossas mais velhas, também de pele mais clara e uma de minhas interlocutoras, a Tia Erica.

Hortência, falecida em 2004, teria hoje cerca de oitenta anos. Era agricultora, plantava amendoins e, com eles, produzia rapaduras para vender. Casou-se no quilombo, onde permaneceu durante toda a sua vida até falecer. Era uma mulher de pele clara, com cabelos pretos e lisos. Seria Hortência descendente dos povos que ocupavam essa terra e foram invisibilizados? Os indígenas, até hoje, são tratados como os *tuca* (conhecidos também como brasileiros), odiados pelos colonos de meu território, estereotipados como

vagabundos, trapaceiros e gente de má índole. Afinal, para os colonos da região, “quem deixou de ser branco passa a ser negro”. Pergunto à Tia Erica se Hortência não seria indígena, ao que ela prontamente responde: “Não, ela era brasileira, bem brasileira”. Na região, brasileiros são os corpos mestiços, nem tão pretos para serem negros, nem tão brancos para serem descendentes de alemães ou pomeranos. São corpos com fenotípi mista, por vezes ambígua, talvez por este mesmo motivo, vistos pelos colonos como vagabundos.

O aquilombamento institui suas presenças e suas forças ancestrais e trago essas mulheres reafirmando, ecoando as palavras do escritor quilombola Antônio Bispo, que “não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer nossos saberes da África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro” (Antônio DOS SANTOS, 2023, p. 27). Portanto, como Bispo nos explica, os saberes que carregamos são uma mistura dos saberes de muitos povos colonizados, povos de diferentes cores, que habitam nossos territórios. “Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas” (Antônio DOS SANTOS, 2023, p. 27). A entrevista com Tia Érica faz brotar a força de uma ancestral lembrada de nosso aquilombamento. Faço ressurgir Hortência através dos olhos de Érica.

É comum que, em determinadas regiões como a nossa, os indígenas tenham se “camuflado” para sobreviver, já que essa população também foi vítima de genocídio e epistemicídio devido ao colonialismo. Historicamente, as relações entre coletivos africanos/afrodescendentes e indígenas permitiram alianças na resistência ao colonialismo, à desterritorialização, reterritorialização e dizimação populacional, o que pode ser observado tanto em sítios arqueológicos, quanto em documentos escritos, que indicam a presença indígena em quilombos e a presença negra (escravizada, liberta e livre) em aldeias indígenas revoltosas (ver, por exemplo, Scott ALLEN 2013; Loredana RIBEIRO & Camila JÁCOME 2015). De acordo com os debates etnológicos contemporâneos sobre (contra/anti)mestiçagem, no plano coletivo da (r)existência culturalo encontro afro-indígena nunca significou fusão uniforme ou ‘aculturação’, pelo contrário, significou alianças e parcerias que possibilitaram sobrevivência no contexto histórico catastrófico do colonialismo(Marcio GOLDMAN 2015; José Antônio LUCIANI 2016; Mariana VILAS BÔAS 2021). Permanecem em aberto, e não tenho condições aqui de me aprofundar neste aspecto, os significados coletivos da inserção individual de uma pessoa indígena num contexto quilombola e vice-versa. O que posso perceber, a partir do caso específico do

aquilombamento de Hortência no Coxilha Negra, é que tamanha discrição ao se falar de raça e cor nos territórios quilombolas pode estar relacionado também à proteção de corpos indígenas do ódio anti-indígena dos colonos locais, de certo modo ocultando a indignidade, diluindo-a sob a alcunha “brasileira”. Estar camuflado significa escapar da morte. Pedi que Tia Érica me contasse um pouco mais sobre aquela mulher:

Óia, pra mim, uma rica pessoa, não fazia mal pra ninguém. Plantava o amendoim dela, fazia rapadura, benzia, fazia simpatia, tirava coisa ruim que os outros botava, sabe? Olho grosso, inveja, essas coisas. Benzia só se pedisse. Simpatia pra bronquite, isso ela sabia fazer. Se dava bem com todo mundo e o mal nem precisava pedir, que ela não fazia. (relato de Érica – Diário de Campo, 2024)

O relato mostra o valor de Hortência nas práticas de cura, atividade muito respeitada nos quilombos. Junto com as benzeduras, Érica menciona também a plantação de amendoim. Que, vale notar, Que, vale notar, é uma planta de parentesco indígena muito antigo, domesticada no atual território do Brasil há milhares de anos atrás e de cultivo e uso generalizado pelos povos indígenas no país (Fábio FREITAS et al, 2003). Com certeza, eram plantadas ervas para a feitura dos benzimentos e simpatias, afinal, o amendoim é uma planta rasteira que pode ser consorciada com muitas outras. Esse fazer é descrito pelo escritor quilombola Antônio Bispo, como uma interação dos seres da natureza:

Nas religiões de matriz afro-pindorâmicas a terra, ao invés de ser amaldiçoada, é uma Deusa e as ervas não são daninhas. Como não existe o pecado, o que há é uma força vital que integra todas as coisas. As pessoas, ao invés de trabalhar, interagem com a natureza e o resultado dessa interação, por advir de relações com deusas e deuses materializados em elementos do universo, se concretizam em condições de vida (Antônio Bispo DOS SANTOS, 2015, p. 41).

A expressão “afro-pindorâmicas” de Nego Bispo é uma caracterização contra-colonialista para destacar a interação entre os negros e os indígenas no Brasil. Na sua ideia de “biointeração” entre humanos e não humanos, sempre destaca as relações entre todos os entes (Antônio Bispo DOS SANTOS, 2023). Indago, então, o que Hortência representava para dona Érica: “era completamente uma mãe, eu precisava duma coisa, eu ia lá; era uma rica duma pessoa aquela, eu senti muito quando foi. Ela inté era madrinha do meu guri mais véio, o Dari” (relato de Érica - Diário de Campo, 2024).

Na intenção de entender como Hortência chegou ao quilombo, permaneceu e viveu como mulher quilombola, oferecendo cuidado a todas as pessoas do território, questioneei

como as duas mulheres se conheceram e fortaleceram seu vínculo. Érica primeiro, afirma: “a amizade nossa foi assim, a gente foi se conhecendo e depois andava sempre junto, sempre junto nós, depois os fio dela cum nós.” E complementa: “Ela cuidava dos meus fio pra eu trabaiá ou o poco que trabaiava, trabaiava comigo, u poco qui trabaiava e nós trocava: eu coía e plantava amendoim pra ela e ela cuidava dos meus fio.” (relato Érica – Diário de Campo, 2024). Ninguém sabe ao certo como Hortência chegou ao território, a relação entre as mulheres, como percebo acima, era como a maioria das relações comunitárias, formada por pessoas que vivem e interagem com o ambiente em que estão inseridas, conforme bem define Nego Bispo:

Chegamos como habitantes, em qualquer ambiente, e vamos nos transformando em compartilhantes. No quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. (Antônio DOS SANTOS, 2023, p. 22)

Os mistérios e segredos que cercam o sagrado nos territórios, garante a manutenção e preservação desses saberes, tão valiosos para os povos tradicionais. Os conhecimentos tradicionais são repassados de alguém para o sucessor escolhido pelos encantados ancestrais, o que é frequentemente denominado dom divino. O repasse geralmente ocorre por meio de uma pessoa da própria família. Pergunto então à Tia Érica sobre os aprendizados de cura: teria Hortência deixado alguém preparado para seguir cuidando das pessoas daquele território em seu lugar? “Ninguém quis, eu peguei tudo, ela me ensinou e eu aprendi, né” (relato de Érica – Diário de Campo, 2024).

A revelação de Tia Érica nos permite perceber, através das sábias palavras de Antônio Bispo, que “o presente é o interlocutor do passado e o locutor do futuro” (Antônio DOS SANTOS, 2023, p. 33), o que descreve de forma breve a relação entre Hortência e Érica. Bispo também nos traz a reflexão de que “faz-se por bem entendermos que as populações desenvolvem sua cosmovisão a partir da sua religiosidade e é a partir dessa cosmovisão que constroem suas várias maneiras de viver, ver e sentir a vida” (Antônio DOS SANTOS, 2015, p. 38). Isso traduz perfeitamente a construção dos saberes entre as duas mulheres, quando Érica revela a proximidade da relação que mantinham.

Dona Érica, em interlocução anterior, afirmou ter aprendido sobre o sagrado com homens não negros (seu pai, seu tio e religiosos, como padres e pastores). Meses depois, ela desloca a relação de aprendizagem da autoridade da figura masculina para a fortaleza da aliança entre as mulheres quilombolas, seus segredos e cuidados com as suas

(mulheres). O que teria mudado entre um momento e outro da nossa interlocução? Teria Dona Érica ficado mais à vontade com a pesquisa para finalmente revelar a genealogia (e o gênero) de seus saberes? Na resposta sobre o aprendizado, ela não dá detalhes sobre o que e como aprendeu. Muda de assunto rapidamente, o que me sugere que os saberes pertencentes ao território devem sempre estar muito bem guardados para garantir sua permanência. A estratégia da mulher quilombola, ao associar o aprendizado dos saberes religiosos com homens brancos cristãos, volta-se à proteção de si mesmas e do seu sagrado, agora apresentado como ‘quase’, ou ‘o tanto quanto possível’, cristão. Este é o “pulo do gato” mencionado por Nego Bispo, quando fala sobre as religiões afro-quilombolas e a forma como eram vistas pelos colonizadores:

O que podemos perceber é que, independentemente da religião que essas comunidades professavam, sentiam-se [os brancos], tanto num caso quanto no outro, ameaçados pela força e sabedoria da cosmovisão politeísta na elaboração dos saberes que organizam as diversas formas de vida e de resistência dessas comunidades, expressas na sua relação com os elementos da natureza que fortalece essas populações no embate contra a colonização. (DOS SANTOS, 2015, p. 34)

Interrogo Tia Erica sobre a relação de Hortência com a água, se ela tinha água em abundância em sua casa. Ela responde com simplicidade: “Hortência tinha pouca água no verão, mais pra ela dava. Ela sozinha com o fio, aí dava” (relato de Érica – Diário de Campo, 2024). Talvez essa seja uma das respostas que aguardei durante toda a pesquisa, a suficiência, o necessário com qualidade, respeitando o decorrer da vida e do território.

Na percepção de Antonio Bispo:

Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo. (DOS SANTOS, 2023, p. 66)

A circularidade da vida, num eterno começo sem fim, mantém a existência dos que estão aqui, dos que virão e dos que já foram e, portanto, Hortência não se preocupava com grandes quantidades de nada. Sua preocupação era manter a água em seu ciclo natural, com a qualidade necessária, oferecendo os cuidados aprendidos ao longo de sua vida. Ela sabia que, mesmo com a escassez no verão, o ciclo da natureza faria com que a água jorrasse em abundância nas próximas estações do ano. Isso é exemplificado pelo escritor quilombola, que afirma:

Nós pescamos no rio apenas o necessário porque confiamos no rio. Não temos medo do rio, sabemos que o rio vai dar peixe sempre. Por que coletamos apenas os frutos necessários? Porque sabemos que vai haver fruto sempre. Quando não for certo fruto, vai ser outro (Antônio DOS SANTOS, 2023, p. 14).

O autor também nos esclarece que “o pasto e as florestas são de uso comum, exatamente porque as populações tradicionais, sabiamente, não têm dificuldade de reconhecer que os recursos naturais pertencem a todos” (Antônio DOS SANTOS, 2015, p. 41). Isso me permite afirmar, através da narrativa de Érica, que pouco importava a quantidade de água disponível; a água que tinham era para todas as famílias.

É comprovado que no território quilombola as pessoas não negras, mesmo não sendo a maioria, sempre existiram e pertenceram. Estavam entre as excluídas da sociedade envolvente, 2012). Na contramão da pluralidade racial que o quilombo acolhe, passo a discutir o colorismo no meio urbano e como ele impacta os territórios quilombolas e suas conexões com o viver e resistir. É um tema de suma importância que reflete as complexas dinâmicas de pertencimento e identidade.

### ***III.II - Idas, vindas e amores coloridos***

A vida no campo é por vezes cansativa e dura. A diferença social dos quilombolas em relação aos povos que os rodeia – no nosso caso, os pomeranos – é algo que nos faz sonhar com a melhoria de vida, que está relacionado com melhores condições de trabalho, amores românticos como os de cinema e belas casas e carros como os das novelas. As autoras Loredana Ribeiro e Camila Jácome descrevem esses desejos diários provocados pelo colonialismo:

O discurso hegemônico sobre a modernidade, que nos alcança desde os bancos escolares na infância, nos seduz através da televisão e da propaganda comercial, nos persegue cotidianamente com seus clichês de longo alcance, oculta e silencia um fato importante: modernidade e colonialismo são dois lados da mesma moeda, um não existe sem o outro (Loredana RIBEIRO e Camila JÁCOME, 2024, p.14).

O movimento constante de sedução colonialista faz com que as mulheres quilombolas, deste território, fantasiem uma vida que dificilmente será alcançada fora do território, devido a fatores de raça e gênero, como se confirma nas próximas linhas. Em

nossa comunidade, como já descrito anteriormente, é comum que as mulheres deixem o território para tentar uma vida melhor nas grandes cidades e com a interlocutora Cenira não foi diferente. Outras mulheres da comunidade quilombola também buscaram oportunidades nos municípios vizinhos, para ajudar seus pais a sustentarem a grande quantidade de irmãos ou para ser uma boca a menos em casa.

A motivação de Cenira para sua primeira saída do quilombo, no entanto, foi distinta um pouco da citada acima. Cenira nasceu e foi criada no Quilombo Coxilha Negra. Mulher, negra, mãe e agricultora, é atualmente vice-presidenta da Associação Quilombola Coxilha Negra. Carrega consigo as lutas e prazeres diários de ser uma mulher quilombola, manifestando em seu existir o retrato vivo dessa discussão. Na época de sua primeira saída, Cenira trabalhava como sócia de um colono em uma plantação de feijão orgânico destinado ao Programa Federal “Fome Zero” e, segundo ela, a remuneração não era ruim.

A Lucielena já morava lá. Eu quiria sempre conhecê a cidade grande, sempre quis. E aí também ela sempre ligava, quando ela ligava ela falava assim “aí não, aqui é muito bom, eu ganho muito bem, vivo muito bem” aí eu falei assim: Não, eu vô tatrabaiaando na lavoura aí?”Porque a gente só trabaiaava pra cumê e pra si visti, porque quando a gente comprava uma peça de ropa era raro. Quando a gente ia assim em baile, em festa, mas era assim, tudo de graça, porque se tivesse que pagá a gente não ia. E aí a gente morava aqui e nós só trabaiaava, pra cumê e pra si visti. Lá diveiz im quando qui a genti comprava uma peça di ropa. Aí quando a Lucelena ligava assim, aí falava que ela tava bem, que lá era bom, tinha bastante serviço eu falei assim: Que que eu quero mi judiano aqui, na lavoura aqui, só pra cumida? Vou mi imbora pra lá. Aí foi qui eu fui mi imbora pra lá (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

Beatriz Nascimento (2021) discute a hierarquia estruturada na sociedade colonial e eu a ouço nitidamente nas palavras de Cenira. Minha experiência de vida no mesmo quilombo me permite supor, em relação ao relato de Cenira sobre ser sócia do colono na plantação de feijão, que as terras e insumos para plantação do feijão pertenciam ao colono. Desse modo, o dinheiro não era dividido igualmente e quem definia quanto cada associado deveria receber não era Cenira e sim o colono pomerano, seu ‘sócio’.

“Num dos polos dessa hierarquia social encontramos o senhor de terras, que concentra em suas mãos o poder econômico e político; no outro polo, os escravos, a força de trabalho efetiva dessa sociedade. Entre os dois polos encontramos uma camada de homens e mulheres livres, vivendo em condições precárias, sem meios de vida. Por estar assim definida, a sociedade colonial se reveste de um caráter

patriarcal que permeia toda a sua estrutura, refletindo-se de maneira extrema sobre a mulher” (Beatriz NASCIMENTO, 2021, p.51).

Cenira revela que, em contrapartida à curiosidade em conhecer as grandes cidades, ter melhores condições de trabalho e viver novas experiências, acabou deixando para traz um amor: “mais antes de tudo isso acontecê, d’eu í m’imbora, eu tinha conhecido o Mauro, que é o Pioio. E aí como eu já tava meio brigada com o Pioio, aí já junto o útil ao agradável, peguei minhas troxa e fui mi imbora” (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024). Hoje Mauro, apelidado de Piolho, é marido dela. É um homem de pele clara, cabelos pretos e lisos, é considerado por todos nós quilombolas e colonos do Quilombo e arredores como brasileiro, não pertence aos alemães, nem aos pomeranos.

Cenira permaneceu na cidade de Sapiranga durante três anos. Sapiranga é uma das cidades do Rio Grande do Sul, com muitas fábricas de calçados que produzem em massa vinte e quatro horas por dia, recrutando pessoas do interior, sem experiência ou escolaridade, para trabalhar nas grandes produções. Ainda é comum que pessoas, do município de São Lourenço do Sul e do interior busquem trabalho e residência nessas cidades da região Metropolitana do estado. Muitos da nossa comunidade fizeram o mesmo, trabalham muito e se consideram bem-sucedidos, por possuírem casa e carro próprios e trabalharem com carteira assinada, embora seja um trabalho explorador, muitas vezes sem direito a finais de semana ou feriados.

O que me fez questionar: Mas, se Cenira estava tão satisfeita com a nova vida, por que voltou para o quilombo? Diz ela: “Eu vim me embora porque o Pioio inventou de ir pra lá”. Cenira conta que já estava vivendo novas experiências amorosas e não pensava no amor deixado para trás, quando o homem ligou para sua irmã na cidade de Sapiranga, onde as duas residiam querendo encontrá-la. Ela aceitou. Um dia, Cenira descobriu que estava grávida. Não contou nada ao namorado, mas a cola que utilizava para colar sapatos estava prejudicando sua saúde, o que a levou a se demitir. Seu pai queria que ela se casasse, mas ela, que havia retornado sem o conhecimento do namorado para casa, decidiu que teria o filho sozinha. “Aí o pai falou assim: ‘Aí, tem que casar. ’ Aí eu falei: ‘Não, eu não quero me casar com ninguém. Eu não queria ninguém mesmo. ’ Até que, pela ignorância do pai, ele aceitou muito bem a criança” (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

A vida de uma mãe solo é difícil em qualquer lugar e eu quis saber de Cenira como pensava em sustentar a criança, se ia contar com o apoio dos pais dela ou do pai do bebê. Ela respondeu que:

Não, muito pelo contrário, peguei e vim pra casa, primeira semana fiquei meio baqueada, deitada, meio assim. Depois eu falei assim: Eu não tenho home, eu não quiria nada com ninguém, eu não tô doente, gravidez não é doença, eu vô é trabaiá. Aí eu voltei pro Rudimar, lá onde eu plantava feijão antes” (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

Nos Quilombos, novas vidas são sempre bem-vindas, apesar de muitas vezes significarem um aumento da pobreza. As crianças são vistas como um presente de Deus, a garantia do recomeçar. O trabalho no campo, vendido pelos colonialistas como cansativo e subalterno, é, para as mulheres quilombolas, uma especialidade e uma forma de terapia. A troca de energia com a terra e a liberdade de plantar e colher geram sentimentos inexplicáveis. Isso é o que Cenira me conta sobre sua tentativa e breve estada no município de Sapiranga. O ir e vir das mulheres quilombolas é como o movimento das águas. A imagem do fluir d'água é uma marca profunda no sentido da mulher quilombola. Após cinco meses de gestação do primogênito, o pai da criança, ex-companheiro de Cenira reapareceu, para propor casamento. Ela não aceitou, pois não achava correto casar apenas por conta da gravidez. O homem partiu com a promessa de retornar para registrar a criança. Quando a criança tinha quatro meses, Cenira voltou para o município de Sapiranga com sua irmã, na tentativa de recomeçar a vida. As duas tentaram durante dois meses encontrar trabalho sem sucesso. Decidiram que a irmã retornaria para casa. Cenira decidiu tentar a vida com o pai de seu filho.

A vida de casada não foi como Cenira desejava. Sem sucesso na procura de trabalho e agora com um filho pequeno, Cenira teve que dividir a vida com a família da cunhada, uma mulher de pele clara e cabelos lisos. A cunhada era casada, tinha uma filha pequena e era responsável por um irmão adolescente. Cenira teve que conviver com os hábitos e costumes da família do marido e o desgosto tomou conta dela. Ela não se acostumou com a vida boêmia, que as pessoas levavam na cidade, com festas aos finais de semana regadas a bebida alcoólica, jogos de azar, rinha de galos e som alto. Tudo isso contribuiu para seu descontentamento, mesclado com acúmulo de responsabilidades que lhe foram atribuídas durante a semana, quando quase todos trabalhavam fora e ela permanecia em casa, sempre limpando, cozinhando e cuidando das crianças. Cuidava de

sua criança, do cunhado que era pequeno e da sobrinha. Ela diz: “e eu ainda era a escrava do lar, que tinha que lavar até as cuecas do marido da outra, e ele sentadinho dentro de casa. Isso é o que me dava mais nojo” (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

O relato de Cenira está presente no que nos diz Lélia Gonzales: “a doméstica é a mucama permitida, é quem presta serviços, é o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (GONZÁLES, 1984, p. 8). Percebo que a exploração do trabalho da mulher negra é também reproduzida nas classes vulneráveis. Assim, o cotidiano fez com que a mulher refletisse e mais uma vez entendesse que morar no quilombo era muito melhor do que viver na cidade nessas condições:

“Só sei qui um dia inventei, fui na assistência social lá di Sapiroanga e parguntei cumo é qui era pra vim imbora, aí a muié falo assim” aí ti dô uma passage, tem direito a uma passage, peguei e falei assim pru Pioio, to indo, se tu não qué i não pricisa i. Ele veio junto. (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

Esse relato de Cenira me faz lembrar de todas as vezes que necessitei sair de junto dos meus, do meu lugar, não consigo mensurar para descrever o tamanho vazio que sinto ao estar fora de casa, vazio que passeia entre a dificuldade em me adaptar ao sabor dos alimentos, até um sorriso de alguém que eu conheça da vida inteira, acho que esse é o sentimento de não pertencer a outro lugar que não seja meu quilombo.

Ao escrever essas linhas sentada na biblioteca da universidade me emociono, tanto por me sentir de outro planeta e não me sentir à vontade nesse lugar, quanto pela alegria de estar cumprindo o dever de escrever sobre meu próprio quilombo, trazendo todas as mulheres do meu território junto comigo.

Bem como para a maioria de nós, a vida de Cenira se desenvolveu por um tempo entre idas e vindas da cidade para o Quilombo. Aquela mulher tentou mais de uma vez a vida na cidade. Tentou também na zona urbana de seu município natal, São Lourenço do Sul. Foi morar no terreno herdado pelo marido, que pertencia também aos irmãos dele, e foi aí que Cenira passa a se sentir incomodada com várias coisas. Uma das queixas de Cenira era a dificuldade em plantar devido aos galos, que consomem toda a vegetação acessível a eles. Tais aves consomem quase todo o tipo de vegetação, por isso os agricultores quilombolas que criam galinhas mantêm as galinhas em galinheiros ou têm suas hortas cercadas. No caso dos cunhados, a criação era só de galos, treinados para disputa em luta corporal com galos adversários. Essas lutas são conhecidas na região

como 'rinhas', onde os animais entram em luta e os donos dos bichos apostam valores em dinheiro. A atividade é ilegal e sacrifica os animais tanto durante os treinamentos quanto durante a luta, além de aglomerar pessoas para assistir e apostar na atividade.

Não conseguir plantar causa estranhamento, pois, para nós, mulheres quilombolas, é incompreensível não ter um local para plantar nada, não haver culturas que nascem espontaneamente ou por interação com a natureza. Além disso, o custo elevado das frutas e verduras, que ainda têm o sabor modificado, contribui para esse sentimento. Isso se relaciona com a escrita de Nego Bispo, que afirma que a cidade é o oposto do que estamos acostumadas, ou seja, a mata e a natureza:

A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram. (Antônio Bispo DOS SANTOS, 2023, p. 8)

Cenira se desentendeu novamente com a cunhada, que a chamou de forma racista de "negra". A discussão resultou em vias de fato e a polícia foi acionada, após Cenira avisar: "se ela me chamar de nega de novo, pode saber que vou bater nela de novo" (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024). Segundo a interlocutora, o seu primeiro filho não foi aceito pela família do marido, devido aos traços negros, ao contrário da segunda filha, que é considerada branca e parecida com os familiares do marido de Cenira. Esse motivo desencadeou a briga entre Cenira e a cunhada, levando-a a retornar para o Quilombo.

Antônio Bispo retrata essa situação em um belo e reflexivo poema que evidencia o peso do colonialismo sobre os corpos negros.

#### AGORA É LEI

Dá cadeia para quem me chamar de negro analfabeto  
Só não dá cadeia para quem impõe o analfabetismo,  
obstruindo meu acesso às escolas  
Dá cadeia para quem me chamar de negro burro  
Só não dá cadeia para quem me chamar de "moreno",  
Mesmo sabendo que com isso querem me transformar  
em um híbrido  
E assim como aos burros, negar as condições de  
reprodução da minha raça  
(Nego Bispo)

Quilombo é o lugar que se pode escolher sair e voltar, os quilombolas sempre serão bem-vindos no território que é de todos. Somos como Bispo descreve, rios que confluem:

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta que amplia. (Antônio Bispo DOS SANTOS, 2023, p. 4)

A confluência e a fluidez, como as águas de um rio, definem o quilombamento. Portanto, mesmo em nossas relações com não quilombolas, quanto em nossas saídas e retornos para o Quilombo, nós não perdemos a essência, a água mãe que nos une. Ao confluir, aprendemos e nos transformamos com a consciência de sermos quilombolas.

No Quilombo Coxilha Negra a luta para permanecer no território é diária e enfrenta o racismo e o sexismo estrutural, que venho denunciando ao longo desta dissertação Pergunto a Cenira sobre sua relação amorosa inter-racial com um homem de fora do território e me interesse em entender as diferenças que os unem há tanto tempo. Ela então responde que:

Eu sempre digo, eu e o pioio nois somo um casal de passarinho, quando nós não tamo se bicando, que ele têm as mania dele eu tenho as minha. Eu digo as coisa na cara, eu não popo as palavra. E eu sempre digo, nós se demo até hoje muito bem, muito, muito bem, aí chego sábado desanda a maionese, porque aí ele bebe ele vira outra pessoa né? Sempre foi assim. (relato de Cenira Correa – Diário de Campo, 2024)

As palavras da interlocutora remetem ao seu companheiro no quilombo, às brigas e retornos, à influência das drogas lícitas nas interações sociais. A bebida é um problema que assola muitas famílias. Na interlocução questiono se sempre foi assim e por que essa mulher quis que ele voltasse após o término: “se foi por amor?” Ela responde que: “Hoje eu não posso dizer que eu gosto, eu acho. Mas nós nos damos bem, porque o Pioio tem os defeitos dele, que são a bebida e a estupidez, que ele é muito estúpido, muito ignorante” (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024). Ela justifica o comportamento violento do homem com a história de vida dele, explicando que ele ficou órfão aos quinze anos e, portanto, não teve pai e mãe para lhe orientar e incentivar:

Eu nem digo que ele é ignorante porque quer ser ignorante, é que ele não teve estudo, não teve pai, não teve mãe, não teve irmão. Eu digo até hoje na cara dele que ele só teve irmão para pegar o dinheiro dele que ele

recebia, porque os pais dele morreram. (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024)

Na busca por entender o racismo nas relações inter-raciais, tento perceber se a mulher enxerga o racismo ou as diferenças nos relacionamentos inter-raciais, se o homem é apenas uma pessoa que ela escolheu para viver ou se ela percebe alguma diferença entre ambos. Ela responde que sim, o homem é uma pessoa que ela escolheu para viver, mas consegue perceber as diferenças.

Se eu chega num serviço e o pioio tive do meu lado e eles tive qui escolhe entre eu e o pioio eu tenho certeza absoluta, eu posso te mais istudo do qui ele, eu posso tá cuma melhor ropa, eu posso ta cum o cabelinho feitinho, qui eu tenho certeza qui eles vão iscolhe ele, eu pelo menos sô dessa, clara e branca e limpa lá. O pioio ele sabe, ele sabe muito bem que ele tá há léguas na minha frente, por isso, ele as veiz acha que nós tamo pelo caminho certo. Mas ele também não é aquele di corre lá na frente e diz assim, não, purque qui tu não iscoleu ela quiela têm mais istudo, duqui eu? qui ela fala melhor duqui eu, sei lá, não sei qual o tipo di serviço, né? Purqui ela é melhor duqui eu. “Ele não vai fala isso não, eu tenho certeza absoluta, mesmo ele gostando di mim ele vai fala assim, não si eu fui iscolhido eu vou fica cum u serviço, aí tu corre atrás di outro.” (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

Em relação á esse relato, Beatriz Nascimento relembra a pirâmide social, que nos distancia em oportunidades das pessoas não negras: “Assim, os negros ocupam aqueles lugares na hierarquia social, desobrigando-se de penetrar os espaços que estão designados para os grupos de cor mais clara, dialeticamente perpetuando o processo de domínio social e privilégio racial.” (Beatriz Nascimento, 2021, p.53). Mesmo que nós não quiséssemos perceber as diferenças, não poderíamos, ela nos é escancarada diariamente no cotidiano, quando plantamos e colhemos enormes lavouras para os pomeranos e pouco recebemos por isso.

Aprofundo a discussão sobre as diferenças no que se refere a cor da pele. E instigo a discussão sobre as diferenças de coloração e traços dentro da família de Cenira. Procuo entender um pouco mais sobre a reprodução do racismo e suas consequências. Em minhas observações, percebi que o companheiro de Cenira faz piadas sobre a cor da pele e os cabelos dos filhos e de Cenira. Presenciei inúmeras vezes tais atitudes, que me causaram grande incômodo. Por isso, pergunto a ela se percebe o racismo presente nessas “brincadeiras”. Ela responde que não e isso me incomoda ainda mais, levando-me a perguntar o porquê. Cenira relata que:

Brincadeira não é não, só qui eu não vô fala . Não sei u qui fala sabe porque? porque eu também digo ai meus cabelo, parece uma esponja, eu não levo pro lado mal sabe. Porque é difícil o pioio fala i as veiz quando ele fala é coisa qui eu já, qui nem agora mesmo umas duas semana atrais , não sei ondiequi eu ia i aí eu falei pruThalis, bah, tá loco meus cabelo ta feio vô precisa coloca umas trança, eu já percebi quita ruim aí ele só diz. Ó ta muito feio, ta isso ta aquilo aí eu já procuro arruma, mais aí eu já percebi antes dele fala e quando ele fala as veis eu levo na brincadeira, mais as veis eu vô dá uma oiadinha, vô vê mesmo quando ele fala as veiz ele não tá mentindo mesmo, porque ta ruim mesmo. (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

A descrição de Cenira, me faz olhar para os relatos das autoras Loredana e Camila, que discutem como acontece a internalização das narrativas racistas, o que me faz pensar em como essas ideias se enraízam em nós, mulheres negras. É uma forma de manutenção do colonialismo, que traz como exemplo de beleza feminina, mulheres loiras de cabelos longos e pele alva. As autoras nos dizem que:

As histórias únicas promovem o branqueamento e falam diretamente com nosso inimigo interno, aquele opressor que vive dentro de nossos corpos colonizados, do qual falava Paulo Freire. Ao estereotipar e caluniar o outro do ocidente, inferiorizando-o e bestializando-o, as histórias únicas auxiliam a privação de uma identidade própria e nos forçam a nos vermos e vermos o mundo como se fôssemos, nós mesmas/os, colonizadoras/es. (Loredana RIBEIRO e Camila JÁCOME, 2024, p. 14)

O branqueamento carregado pelo colonialismo, que é forte e envolvente, entrando no seio das famílias em todo país, mesmo entre as comunidades tradicionais, fazem manter as subalternidades. Desse modo, nós mesmas, assim como Cenira, nos inferiorizamos, legitimando o colonizador na manutenção das suas histórias únicas. Desde que começamos a frequentar lugares em comum com os brancos, nos é dito que o cabelo mais bonito é o liso e longo, o olho mais bonito é o azul, corpos magros, seios pequenos, bundas minúsculas e quadris menores ainda. Na escola, as rainhas das festas são sempre meninas brancas, que também são as alunas mais aplicadas e com isso são as que recebem os elogios e assim segue durante nossa vida: “Por essa perspectiva, a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade” (Nilma Lino GOMES. p.1, 2002.).

No trabalho, são as mulheres brancas que recebem as melhores oportunidades de emprego, o que faz com que desejemos ser mais e mais parecidas com as mulheres brancas a qualquer custo. No nosso caso, além das diferenças físicas entre nós e os pomeranos serem muito grandes, somos obrigadas a nos adaptar aos hábitos e costumes deles. A cidade e muito mais ainda o interior do município, onde moramos, gira em torno dessas pessoas, que são as que possuem o maior poder aquisitivo. e então, além das escolas que evidenciam e multiplicam os costumes pomeranos, para se conseguir um emprego na cidade por exemplo, é necessário além de “boa aparência”, falar pomerano. Portanto como bem nos diz Nilma Lino, “as práticas cotidianas mostram para a criança e para o adolescente negro que o status social não é determinado somente pelo emprego, renda e grau de escolaridade, mas também pela posição da pessoa na classificação racial” (Nilma Lino GOMES. p.6, 2002.).

A interlocução é aprofundada e sigo escutando Cenira. Ela parece resgatar inconscientemente lembranças ligadas ao seu trauma com o racismo sofrido ao longo da vida. Relata suas primeiras memórias sobre seus cabelos e as transformações que aplicou neles, para não parecerem com os cabelos de seus ancestrais. Reforço a pergunta: “Você não se ofende então?” Ela responde que não e continua falando sobre sua relação com os cabelos crespos da filha, que, apesar de ter a pele mais clara, possui cabelos crespos. Como se fosse um desabafo, sem que eu tenha perguntado nada, a mulher compara sua relação com os próprios cabelos à relação que tem com os cabelos da filha:

As veiz eu mesmo digo pra mana, mana pelo amor di Deus, tu têmqui arruma teus cabelo, ta feio, ta isso, ta aquilo, ta aquele outro, tem qui dá uma alisada, tem qui faze uma chapinha, tem qui isso, aquilo, aquele outro, eu digo pra ela e quando ele [Piolho] fala, eu não me ofendo sabe e quando ele fala é porque ta ruim demais. (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

A junção de valores externos ao quilombo com os mantidos nas tradições vão constituindo as suas vidas. Mesmo sendo da mesma família de Cenira e partilhando de quase todos os valores que ela, confesso que me dói e revolta muito ter que ouvir tais relatos, sobretudo porque muitas vezes me reconheço neles. Cenira, que para as mulheres do Quilombo Coxilha Negra e para a família é essencial em todos os sentidos, principalmente na luta e militância, nos fortalece por sua existência, é uma brava mulher que nos representa quando não tem medo de participar de reuniões com pessoas que tiveram oportunidade de estudar mais do que ela e dizer o que pensa, levando as pautas

do Quilombo a quem quer que seja, é a mulher que sempre quer que projetos cheguem ao território e luta por isso, corre atrás, mesmo que algumas vezes sem sucesso. O mais bonito em Cenira é consultar em primeiro as mulheres quando têm dúvidas dos passos que vai dar e dividir com todas nós seu conhecimento sobre terra e plantação que é muito maior do que o de todas nós mais novas e todo o resto, desde o que chega no Quilombo como doação até o que ela planta. Sofro ao saber que os avanços em relação ao antirracismo caminham a lentos passos, como bem nos coloca Antônio Bispo:

As pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens (Antônio Bispo do SANTOS p.37, 2015).

A relação da mulher com os cabelos da filha não poderia ser diferente, já que essa violência é repassada por gerações e afeta todo o coletivo. Conforme nos revela, mais uma vez, Bispo:

Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e, respectivamente, pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas” (Antônio DOS SANTOS, 2015, p. 21).

É perceptível que a mulher tem uma relação mal resolvida com cabelos dos ancestrais africanos. Algo que pude confirmar durante minhas observações. Ela faz questão de manter os cabelos dos outros dois filhos muito curtos, mesmo que eles desejem deixá-los crescer. Pergunto se essa questão do cabelo é uma escolha pessoal dela, sem influência do marido e ela confirma que sim. Ao questionar se ela nunca gostou do próprio cabelo, ela surpreendentemente dá a entender que já gostou:

Não, eu tinha o cabelo muito bom, não vô ti dize qui o meu cabelo sempre foi ruim porque e vô ta mintindo, nós tinha cabelo muito bom, todas nós as quatro, nós tinha cabelo muito bom, mais só qui nós era as campeã si um do colégio tinha pioio, nós pegava nu primero dia, aí a mãe pegava botava arruda com álcool pra limpa os pioio, porque naquele tempo não tinha o pente não tinha cremizinho, qui nem agora tem, e a mãe era daquelas viciada eu digo que eu peguei isso da mãe também, viciada em faze trança, nós vivia trançada 24 hora cum os cabelo trançado, a mãe fazia trança nus domingo e aí a mãe distrançava no próximo domingo, mais só qui a mãe fazia trança muito fininha sabe e domingo era o único dia qui a gente tinha pra brinca, nós brincava, domingo era u dia quia gente brincava sempre só

qui aí a gente não tinha hora pra entra pra dentro quando era verão as veiz era oito nove hora nós tava brincando na rua , mais só qui aí a mãe chamava nós pra faze trança, e aí nós tinha uma raiva qui ela demorava pra faze as tal das trança, aí ela fazia em todas as quatro nu dumingo. E desmancha aquelas trança maldita qui aí a mãe fazia muito fininha e aí depois distraçava aquilo, e a mãe não passava assim cum carinho, a mãe puxava o pente pra disinredá. (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024)

A forma de considerar ruim está na relação com a presença de piolhos, que é uma situação endêmica em espaços com muita gente, como nas escolas por exemplo, mas essa perspectiva não aparece na fala da interlocutora. A feitura das tranças que reduziam o tempo do lazer é retratada como base para propor a perda de valor do cabelo. O ato de trançar criaria um cabelo ruim. Ao perguntar se ela acha que foi esse processo que estragou o cabelo, antes denominado por ela como “bom e agora ruim”, ela responde:

Sim, aí depois eu falei assim quando eu já tava um poquinho mais grande, eu falei assim eu vô começá a alisá meus cabelo qui aí vai fica cabelinho alisadinho e aí nunca mais a mãe vai faze trança essas coisa aí depois a gente não usava muito mais trança quando a gente tava mais grande e aí, cumecemo. Alisa, alisa, alisa, o que tu pensá di coisa pá alisa eu já usei. (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

Cenira é uma liderança quilombola e mesmo assim enfrenta com certa naturalidade a invasão colonialista de seu corpo. O processo de domínio dos corpos é um ato forte sobre as mulheres negras e negras quilombolas. A escritora Nilma Gomes, que pesquisou o tema cabelo e a trajetória de vida das mulheres negras, percebe nas entrevistas que “As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo.” (Nilma Lino GOMES, 2002, p.6).

Esse relato de Cenira me trouxe uma lembrança que estava quietinha guardada em algum lugar de meu inconsciente. Em uma de minhas viagens de ônibus para uma atividade da teia dos povos, paramos no meio do caminho para descansar, comer e ir ao banheiro e em conversa com uma guria branca percebi o quanto o racismo que nos ataca diariamente através de nossa estética desde que nascemos nos atravessa de forma violenta. Ao nos olharmos no espelho ao mesmo tempo a mulher elogia e questiona sobre meu cabelo, ela pergunta se eu sempre usei o cabelo assim, crespo. Respondo que não, alisei meu cabelo por muito tempo, gastei alisando cabelo o valor equivalente a mais ou menos dois carros zero. A guria impressionada questiona por que, e é nesse momento que

eu faço uma reflexão que até hoje me emociona, afinal a autocrítica carregada da descoberta do quanto racismo corta nossa pele negra não é nada fácil.

Ao longo da vida, carreguei comigo a certeza de que negro não pode ser bom, precisa ser ótimo. Verdade reafirmada diariamente pelas pessoas mais velhas de minha família que me tornaram o que eu sou hoje, para isso precisava me parecer com mulheres brancas tendo cabelos alisados e roupas que me fizessem adentrar em lugares frequentados pelos brancos. No mesmo período que eu alisava os cabelos, também acumulava dívidas comprando sapatos e roupas caras que se acumulavam com etiquetas no roupeiro aguardando alguma festa ou evento chique que eu poderia ser chamada. Nesse dia, quando a menina me pergunta por que eu parei de alisar os cabelos, eu respondi que foi porque um dia eu entendi que mesmo com o cabelo alisado e as melhores roupas eu nunca entraria onde as mulheres brancas entram e muito menos seria tratada como uma delas.

Cenira me ajuda a entender um pouco mais sobre esses corpos-territórios quilombolas; corpos perpassados pelo racismo, mas também pela beleza do acolhimento que prioriza o ser e suas vontades de ir e vir no território. Os relatos de mudança física e das formas de interação com não negros, até pelo casamento, na alteração física dos negros, numa perpetuação do caminho do branqueamento, trazem também a outra face dessa interação. Mostram os relatos a simplicidade em aceitar os outros, independentemente da cor da pele, valorizando acima de tudo o pertencimento e o respeito aos que virão, também aos que vieram antes.

Na busca por entender o tema da investigação, pergunto à interlocutora sobre sua relação com a água. A primeira indagação foi se, nessas idas e vindas para o Quilombo, havia água suficiente para a sobrevivência, considerando a incessante luta das mulheres quilombolas pelo direito à água e que os quilombos da região enfrentam um histórico de seca severa no verão. A resposta dela foi:

Aí, nessa volta pra cá pra casa, aí chego o dia deles í pra escola, dois dia antes, eu falei assim: eu vô pega i vô lava as ropa pra eles começa i pra escola i cadê a água? Não tinha, aí qui nós cumecemo a caça a água, larguei us pequeno na escola. O Thalís e a mana já io pra escola. Larguei eles lá, vim pra casa ligeirinho i cumecemo a faze cacimba, aí fizemo a primera cacimba, aí nu domingo, deu pedra, não deu água, fizemo nu outro dia não deu água. (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024)

A procura de fontes de água nos Quilombos, bem como a construção das cacimbas, envolve um processo coletivo e demorado, que pode levar muitos dias. A água, sendo um bem essencial, mobiliza toda a comunidade para que a cacimba seja finalizada o mais rápido possível, permitindo que a família necessitada possa viver com dignidade. A mulher relata o processo de procura da água:

O Joel veio com o balancinho, que a gente coloca assim nos cavalo, o Joel disse que aquilo era bom, qui si via água, até qui ele viu. Ondié qui ele marco pra nós cava deu água, só qui tinha muita pedra e era muito poca água. O pai também procurava com o pau di pêssego. O pai procuro três quatro, aí quando vê deu água, aí pensemo assim, como o Joel já tinha vindo, aí o Joel falo assim: aí eu consigo a máquina da prefeitura, mais qui nada, não dava pra entra com a máquina, só dava pra faze a mão mesmo, aí nós cavemo qui nem uns condenado... (relato de Cenira – Diário de Campo, 2024).

A água nos territórios quilombolas está se tornando cada vez mais escassa, devido à falta de políticas públicas para este povo e considerando que as mulheres são responsáveis pela gestão desse bem público, procuro entender de Cenira se ela percebe diferenças na distribuição de terras com nascentes mais abundantes nas propriedades dos colonos. Ela confirma que sim, observando que, além de as terras dos colonos serem mais extensas, o que facilita o uso de máquinas para escavação e plantação, as terras dos quilombolas são rochosas e limitadas, resultando na falta de água.

Cenira recorda com tristeza os períodos de seca, quando teve que lidar com a colheita do fumo, uma cultura que usa muitos agrotóxicos, sem água suficiente para banho ou preparo de comida. Ela também menciona que, devido à falta de água, não mantém mais criação de porcos e galinhas, pois no verão precisava pagar aos colonos para entregar água para os animais. As cacimbas da família de Cenira estão cercadas por árvores de eucalipto e pinus, plantas que ela aprendeu que secam a água da terra. Como as cacimbas não estão em suas terras, não se sentem no direito de reclamar. Ela percebe que o poder público utiliza de máquinas para fornecer apenas migalhas aos quilombolas.

É sabido que o estado tem precarizado os quilombos, para esvaziar os territórios e apropriar-se das terras, seja através do êxodo que inflaciona as favelas e resulta em mortes de muitas pessoas negras, ou pela negação de direitos básicos. De acordo com Dos Santos, os povos quilombolas são acusados de serem “atrasados, improdutivos e sem cultura, portanto, um empecilho ao avanço e ao desenvolvimento da integridade moral, social e econômica e cultural dos colonizadores” (Antônio Bispo DOS SANTOS, 2015, p.

21). Esse movimento dos colonizadores nos mantém vigilantes e, apesar das enormes dificuldades, continuamos a preservar nossos territórios.

No Quilombo, não é comum questionar as mais velhas sobre suas decisões. Há uma certeza de que cada escolha é feita para o bem de todos e que o que está fora do nosso alcance será resolvido pelos seres invisíveis que nos protegem. É nesse lugar que pessoas de todas as cores – pretas, pardas, indígenas, brancas – são amadas sem distinção, independentemente de terem nascido ali ou chegado por algum motivo, mas que pertencem a esse lugar. Através da existência e força dessas mulheres, mantemos vivo esse viver intenso de ser quilombola. As reflexões de Nego Bispo (Antônio DOS SANTOS, 2023) sobre os movimentos da água em perspectiva quilombola me parecem uma poesia sobre o ir e vir das mulheres do Coxilha Negra, definindo o que somos, pelo exemplo da água; somos mulheres-água:

Já no sistema cosmológico, não há refluência. A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outro espaço, em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. Confluindo e transfluindo, elas também evaporam e retornam em forma de chuva. Elas não vêm pelo mesmo percurso, caminho ou curso. Elas vêm na circularidade. Transfluem e confluem, mas não refluem. Só no transporte é possível refluir: você pode ir e voltar (Antônio Bispo DOS SANTOS, 2023, p. 31).

Assim, destacamos a importância do respeito pelo que veio antes, pelo que nasce agora e pelo que virá depois, pois, embora o existir coletivo possa enfraquecer, está evidente que não será derrubado.

## IV – Considerações Finais

O interesse em pesquisar sobre a relação entre mulheres e a água nos quilombos me foi despertado ainda na graduação, quando comecei a conhecer mais sobre os direitos das comunidades com o olhar mais crítico. Eu sabia que as águas nas comunidades escasseavam, a cada verão mais cedo, mesmo sabendo que água do planeta está acabando, percebi, que em específico nos quilombos da minha região, era necessário distribuição de água potável pelos órgãos públicos ou doação de vizinhos. Acontecimento que acarreta grandes prejuízos e o direito dessas pessoas viver com dignidade.

O que mais me intrigava era que água raramente se escasseava em terras dos alemães/pomeranos, pessoas que nos rodeiam. Além disso, o tratamento da água e esgoto adequados não existem. Nos territórios, na maioria das vezes, as águas são cuidadas por mulheres, tanto pela preservação dos saberes, quanto nas lutas por direitos e preservação do território quilombola.

O que me provocou a pensar sobre como essas mulheres quilombolas guardam a água nesses territórios? A água é vida sim, mas também, pode ser um dos maiores venenos se infectada, levando a surgir nas comunidades quilombolas casos de doenças provocadas por ingestão de água poluída, mesmo que ainda poucos. Para lidar com a escassez da água, a cada ano maior, aparecem soluções que mantêm água para os usos mais necessários. Percebi que alguém cuida da água e são as mulheres. Mas percorrer o caminho da pesquisa, especialmente estando na faixa etária dos quarenta anos foi difícil.

O desejo de ingressar no Programa de Pós-graduação em Antropologia, me veio após perceber que eu estaria oportunizando, a mim e às mulheres de meu quilombo, deixarmos de ser objetos de pesquisa de outras pessoas que nos estudavam com um olhar eurocêntrico, com temas não relevantes para nós e por muitas vezes conclusões equivocadas. Por isso decidi, com minha família e comunidade quilombola, percorrer essa via junto com as mulheres da Coxilha Negra e trazer através de minha escrita e pesquisa o cuidado de todas nós através de nós.

Não foi uma estrada fácil, por mais que a estrutura da escrita esteja rompendo com as grades do racismo e preconceito, ainda assim, a universidade está longe do preparo para nos receber, nos receber como somos. Ainda existem muitos temas que nos atravessam, como fossem uma faca, ou um soco no meio do estômago. Quando falo de nós, nós mesmos, me amparei nos métodos autoetnografia e escritivência. Metodologias

contemporâneas, que sustentam as escritas de pessoas como eu e tantas outras pessoas quilombolas, que chegam na universidade dizendo ao quê e por que vieram. Ainda assim me sinto grata, pois trago, em cada uma das mulheres apresentadas em minha dissertação, um pouquinho de mim e de meu quilombo.

Honro a confiança depositada em mim para a escrita desse tão importante documento. Mulheres que durante as interlocuções me provaram, mais uma vez, entenderas águas, o território e o corpo, que estão interligados e sustentados por elas. Afinal as mulheres quilombolas têm um outro olhar para a preservação da natureza e são elas que mantêm a vegetação de pé nos territórios. Vegetação essa que mantém a água viva, por isso são guardiãs das águas dos territórios.

No processo de efetivação da dissertação percebi que o quilombo Coxilha Negra têm aproximadamente 200 anos e carrega a resistência através dos corpos femininos. Esse preservar independentemente da cor da pele ou origem valora a contribuição e pertencimento das mulheres como mantenedoras do território. Conforme apresentei ao longo da escrita, a contribuição das mulheres vem de diferentes faixas etárias. Durante as interlocuções com essas mulheres, em diferentes momentos, percebi a dor e a delícia de cada uma ao rememorar o passado e a relação com o território e a água no lugar habitado por elas. São mulheres que não tiveram acesso à educação formal, mas que carregam a guardiania do “território água”, na simplicidade de ser.

As mulheres-águas, corpos de mulheres quilombolas que sustentam a vida, mantêm o fluir da vida que está dentro e fora de seus corpos, a água, dos olhos d'água das matas e ribeiros que envolvem os quilombos, nesses lugares de difícil acesso que são os quilombos da região, em especial o da Coxilha Negra. Cenira é uma dessas mulheres e uma das principais interlocutoras, que mostra o poder da ação na preservação do bem. Água que mantém vivos os quilombolas e seus territórios. O estudo apresenta esse poder da mulher-água quilombola. Um ente que não é fantasia, é ação. A mulher-água quilombola cuida para não desperdiçar no cotidiano, cuida para que as nascentes não sumam, cuida para que todos tenham acesso, cuida para que as forças cosmológicas protejam as águas. O cuidar é ato de amor, como expressam em suas falas registradas nessa escrevivência. O processo de autoreconhecimento como mulher-água foi se efetivando durante as observações, entrevistas e escritas. Eu como mulher quilombola me torno o território quilombola fora do quilombo, na Universidade, entre os intelectuais da Academia, sou, como nós mulheres somos, território-água de uma mulher-água quilombola.

## Referências Bibliográficas

- ALLEN, S. J.; MANTILLA OLIVEROS, J. C. Materialidades y historias en comunidades negras de América Latina: reflexiones y balance investigativo. VESTÍGIOS. REVISTA LATINO-AMERICANA DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA, v. 10, p. 9-14, 2016.
- BUCHWEITZ, Susanne; LESSA, Daniela, RECH, Carla & COUTINHO, Ledeci. **Revelando os quilombos no Sul**. – Pelotas : Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2010.
- CABNAL, Lorena. **Feminismos diversos: el feminismo comunitário**. ACSUR-Las Segovias Catalunya, 2012.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. **Universidade de São Paulo, São Paulo**, p. 96-124, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- COSTA, Eliane Sílvia. **Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- DE ALMEIDA, Mariléa. Territórios dos afetos: O cuidado nas práticas femininas quilombolas contemporâneas do Rio de Janeiro. **Revista Transversos**, n. 8, p. 218-234, 2016.
- DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, p. 13-37, 1996.
- DOS SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, quilombos: modos e significados. **Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa**, 2015.
- DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1.ed.,Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.p.26-47.

- EVARISTO, Conceição. Depoimento no **I Colóquio de Escritoras Mineiras**. Belo Horizonte, Maio de 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA; Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005.p. 201-212.
- GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 2, p. 188-208, 2020.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record, 2011.
- GOLDMAN, Marcio. "QUINHENTOS ANOS DE CONTATO": POR UMA TEORIA ETNOGRÁFICA DA (CONTRA) MESTIÇAGEM. **Mana**, v. 21, n. 3, p. 641-659, 2015.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista brasileira de Educação**, p. 40-51, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo detransformação social. **Raça e Classe**, Brasília, ano 2, n.5, nov./dez., 1988.
- HAMMES, Edilberto Luiz. São Lourenço do Sul: Radiografia de um município – das origens ao ano 2000. V. 2. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010.
- LUCIANI, José Antonio K. Sobre antimestiçagem. **Brasil: Species, Núcleo de Antropologia Especulativa-Cultura y Barbárie, Des-terro**, 2016.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz, BEATRIZ Nascimento, **Quilombola Intelectual. Possibilidade nos dias da Destruição**. Filhos da África, 2018.
- PEGLOW, Karin. Perspectiva dos atores e o programa fomento às atividades produtivas rurais em comunidades quilombolas de São Lourenço do Sul/RS. 2017.
- PIEIDADE, Vilma Piedade, **Dororidade**. São Paulo, Editora Nós, 2017.
- PINHEIRO, P. dos S.; SILVA, M. L.; RODRÍGUEZ, M. P. Feminismos não hegemônicos contemporâneos: lutas cotidianas em defesa de territórios. **Revista Ártemis**, [S. I.], v. 27, n. 1, p. 306–321, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.41356. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/41356>. Acesso em: 26 out. 2023

- RIBEIRO, Loredana Marise Ricardo & JÁCOME, Camila P.. Elementos para Identificação de Metanarrativas Coloniais-Racistas em Materiais de Ensino. In: JÁCOME, Camila Pereira & RIBEIRO, Loredana Marise Ricardo. Histórias para descolonizar as ciências: intervenções feministas e antirracistas para uma educação crítica. Santarém: Editora da UFOPA, 2024:13-24 (no prelo).
- RIBEIRO, Loredana; JÁCOME, Camila. Tupi ou não Tupi? Predação material, ação coletiva e colonialismo no Espírito Santo, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, p. 465-486, 2014.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.
- SOUZA, Bárbara Oliveira. Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro. 2008.
- VILAS BÔAS, Mariana. Retomada Tupinambá em Olivença: reflexões acerca da indianidade e permanência indígena a partir de um mandado de segurança. **ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 8, n. 17, p. 299-314, 2021.
- WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. **Horizontes antropológicos**, v. 15, p. 157-170, 2009.
- WERNECK, Jurema. Nossos passos vem de longe! Movimento de mulheres Negraseestratégiaspolíticascontraosexismoeorascismo. **RevistadaABPN**, v.1, n.1, mar-jun, 2010. p. 08-17.